

Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

**Mestrado em Ciências da Educação - Administração,
Regulação e Políticas Educativas**

Dissertação

**Estudo exploratório sobre a gravidez precoce em São Tomé e
Príncipe, o caso de uma escola de Bom Bom**

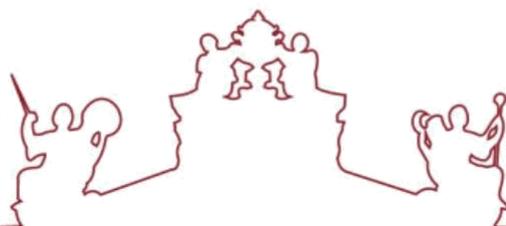
Dora Barreto Quaresma

Orientador(es)

|

Lúis Sebastião

Évora 2022



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

**Mestrado em Ciências da Educação - Administração, Regulação
e Políticas Educativas**

Dissertação

**Estudo exploratório sobre a gravidez precoce em
São Tomé e Príncipe, o caso de uma escola de Bom
Bom**

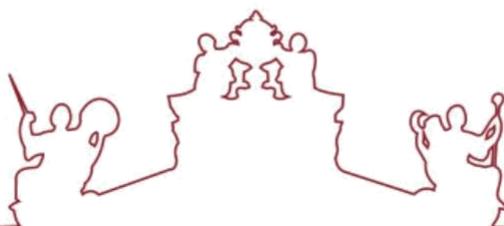
Dora Barreto Quaresma

Orientador(es)

|

Lúis Sebastião

Évora 2022



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | Maria de Lurdes Moreira (Universidade de Évora)

Vogais | Luís Sebastião (Universidade de Évora) (Orientador)
Marília Favinha (Universidade de Évora) (Arguente)

Évora 2022



RESUMO

Estudo exploratório sobre a gravidez precoce em São Tomé e Príncipe, o caso de uma escola de Bom Bom.

O objetivo deste trabalho foi de índole qualitativa, procurando compreender o significado e o contexto da experiência de gravidez na adolescência assim como o seu impacto no meio escolar, especialmente os seus efeitos no processo de ensino-aprendizagem. Na recolha de dados, utilizaram-se entrevista semi-estruturadas, visando obter através dos dados recolhidos uma visão dinâmica da construção dos significados que regulam as interações e conseqüentemente o desenvolvimento sócio-emocional das adolescentes nas escolas. Os resultados e a comparação cruzada das percepções e narrativas permitiram obter consonâncias e dissonâncias entre os grupos envolvidos. As adolescentes referem-se à gravidez como não planificada, sendo o momento mais negativo e marcante das suas biografias, com sentimentos de arrependimento, vergonha, e isolamento social. Esta avaliação negativa é, em grande parte, partilhada por elas e pelos professores, o que contribui para uma estigmatização das adolescentes, embora a responsabilidade seja atribuída sobretudo aos pais pela sua permissividade e ausência educativa. Os professores responsabilizam a Escola, justificando indiretamente a não implementação de estratégias pedagógicas específicas na área da educação sexual e da educação compensatória e, portanto, um declínio no rendimento escolar e na motivação para o estudo. No entanto, todas as adolescentes têm perspectivas ambiciosas quanto à sua carreira futura, todas referiram querer prosseguir os estudos para o nível superior, em nítido contraste com as baixas expectativas dos professores que revelam um grande ceticismo relativamente ao futuro das mesmas.

Palavras-chave: Adolescência, gravidez adolescente, insucesso escolar.

ABSTRACT

Exploratory research on teenage pregnancy in São Tomé and Príncipe, the case of a school of Bom Bom

The aim of this work has a qualitative nature, because it seeks to understand the meaning of pregnancy in the context of the teenage experience as well as its impact on the school environment, especially in its effects on the teaching-learning process. The data collection was made based on the semi-structured interview to provide a dynamic vision of the meanings construction that regulate the interactions and, consequently, the socio-emotional development of adolescents in schools. The results and the cross comparison of the perceptions and narratives led to consonances and dissonances between the three groups involved.

Teenagers characterize the pregnancy as unplanned and consequently, the most negative and striking moment in their biographies, with feelings of regret, shame, and social isolation. This negative judgment is, to a large extent, shared by parents and teachers, which contributes to a stigmatization of adolescents, although the responsibility is mainly attributed to parents for their permissiveness and educational absence.

Teachers hold the school responsible for the absent of a specific pedagogical strategies plan in the area of sex education and a compensatory education plan, thus, a decline in school performance and motivation for study.

However, all adolescents have ambitious prospects for their future career, and all of them showed interest to continue their studies to higher education. The parents recognize and reinforce this ambition in sharp contrast to the low expectations of teachers who reveal great skepticism about the future.

Keywords: Adolescence, teenage pregnancy, school failure.

INDÍCE

Introdução-----	7
Parte I – Enquadramento teórico -----	5
A gravidez na adolescência-----	
1. -----	8
1.1. Caraterísticas físicas e psicológicas na adolescência-----	9
1.2. Crise de identidade na adolescência-----	10
1.3. O desenvolvimento emocional-----	11
1.4. O desenvolvimento cognitivo e sociomoral -----	12
1.6. O desenvolvimento vocacional-----	16
2. A sexualidade na adolescência-----	17
2.1. Influência dos meios de comunicação e cultural na sexualidade-----	18
3. A Gravidez precoce e o tabu da Sexualidade em STP -----	19
3.1. Fatores determinantes da gravidez na adolescência-----	21
3.2. Consequências da gravidez na adolescência-----	20
3.2.1. Aspetos somáticos-----	21
3.2.2. Aspetos psicossociais-----	21
3.2.3. Aspetos e psicopatológicos-----	22
4. A realidade em São Tomé e Príncipe-----	24
4.1. A posição da escola-----	25
4.2. O direito de proteção do menor-----	25
4.3. O impacto da economia na vida da mulher São-Tomense-----	26
5. A escola: Um ambiente favorável á prevenção da gravidez na adolescência-----	26
5.1. O professor como promotor do desenvolvimento no processo de ensino aprendizagem -----	27
Parte II – Estudo Empírico-----	28
Metodologia de investigação-----	
6. - -----	28
6.1. Definição dos problemas e dos objetivos da investigação-----	29
A) Participantes-----	30
B) Instrumentos de recolhas de dados-----	31

C) Procedimentos-----	32
D) Apresentação e discussão dos resultados-----	33
6.2. Análise e interpretação das entrevistas com as adolescentes-----	33
6.2.1. Descrição da experiência da gravidez: Mudanças nas relações familiares e escolares-----	34
6.2.2. Acontecimentos marcantes-----	39
6.2.3. Projetos de vida-----	40
6.3. Análise e interpretação da entrevista com os professores-----	41
6.3.1. Histórias de vida-----	41
6.3.2. Mudanças no processo educativo face a gravidez adolescente-----	43
6.4. Medidas tomadas pela direção da Escola-----	43
6.4.1. Educação sexual como currículo-----	44
6.4.2. Atribuição da responsabilidade pela gravidez-----	44
6.4.3. O rendimento escolar das adolescentes grávidas-----	45
6.4.4. Projeto de futuro das adolescentes. Aconselhamentos-----	45
Conclusões-----	46
Referências Bibliográficas-----	50

Lista de tabelas

Tabela I- Caraterização sociodemográfica das adolescentes grávidas, mães e aquelas que já abandonaram a escola-----	30
Tabela II- Caraterização sociodemográfica dos diretores de turma/diretor da escola-----	31
Tabela III- Categoria e subcategorias das entrevistas com as adolescentes-----	33
Tabela IV- Categoria e subcategorias das entrevistas com os professores-----	41

Anexos

Anexo I – Pedido de autorização ao diretor da Escola Secundária Januário José da Costa em Bom Bom-----	53
Anexo II – Consentimento informado-----	54
Anexo III – Guião de entrevista semiestruturada para as adolescentes-----	55
Anexo IV – Guião de entrevista semiestruturada á diretores de turma e ao diretor geral da escola----	58
Anexo V – Regulamento interno da Escola Secundária Januário José da Costa em Bom Bom-----	62
Anexo VI - Entrevista com as adolescentes-----	65
Anexo VII – Entrevista com os professores-----	77

INTRODUÇÃO

A adolescência é o período de transição entre a infância e a idade adulta, que se caracteriza pela rejeição aparente dos modelos da infância e pela não identificação imediata com os modelos dos adultos. Ela é caracterizada, sobretudo, por crises de identidade, iniciação sexual, questionamento de normas e valores estabelecidos, conflitos psicossociais, saída para o mundo externo, busca de modelos e alta valorização do grupo etário de pertença. Todos estes fatores, geralmente, originam alguma angústia e desencadeiam uma maior complexificação da personalidade e do funcionamento cognitivo, afetivo e social. Estudos (FNUAP, 2015) mostram que em “São Tomé e Príncipe as relações sexuais se iniciam em média, entre os 11 e 12 anos de idade, facto pelo qual muitas adolescentes engravidam antes de atingir a idade adulta. Uma percentagem muito elevada de jovens sexualmente ativos com, com 75% de adolescentes sexualmente ativos, alta frequência de gravidez na adolescência dos 14-17 anos: nesta faixa etária, 37% das raparigas já tinham engravidado e 17% dos rapazes tinham consciência de ter engravidado uma rapariga; alta incidência de abortos de risco, 50% das adolescentes grávidas abortou e 79% desses abortos foram provocados e induzidos”.

De acordo com as especificações anteriores, pode-se formular como questão heurística geral a seguinte: Quais são as melhores estratégias psicopedagógicas institucionais para acompanhar e garantir o insucesso académico das adolescentes grávidas?

O professor tem um papel preponderante no desenvolvimento integral dos alunos(as). A influência da escola na valorização da vida dos adolescentes é muito grande, uma vez que é o contexto de desenvolvimento onde passam grande parte da sua adolescência, período em que identidade pessoal e sexual se explora e, progressivamente, se define. É impossível pensar em processo educativo transformador e de construção de cidadania sem incluir nas escolas a dimensão da crise identitária que implica comportamentos de exploração e de experimentação, onde a afetividade e a sexualidade constituem uma dimensão nuclear.

Com este estudo, pretendemos compreender e interpretar as histórias vivenciadas pelas adolescentes grávidas, visando aprofundar os conhecimentos atuais sobre o impacto da gravidez na adolescência e sobre as suas repercussões no processo de ensino aprendizagem. Ao mesmo tempo, anima-nos também uma intenção prática que consiste em propor um conjunto de sugestões e estratégias psicopedagógicas institucionais, que possam ajudar os professores e pais ou encarregados de educação a lidarem com esta problemática de modo a motivarem as adolescentes grávidas na obtenção de êxitos

acadêmicos. O trabalho comportará uma parte teórica e uma parte empírica. Na primeira parte, expõe-se uma revisão da literatura relativa à adolescência, à sexualidade e gravidez na adolescência e à sua relação com a organização escolar e com o processo de ensino-aprendizagem. Na segunda parte, apresenta-se o estudo empírico com a indicação da metodologia utilizada, a descrição dos objetivos, o tipo de estudo, as técnicas de recolha de informação, a população alvo e descrição da amostra, os instrumentos de avaliação e respetivos procedimentos, seguidos da devida análise e discussão dos resultados.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. A gravidez na adolescência

Gravidez na adolescência consiste na gravidez de uma adolescente. Não obstante a organização Mundial de Saúde considerar a adolescência como o período compreendido entre os dez a vinte anos na vida de um indivíduo, cada país especifica a idade em que os seus cidadãos passam a ser considerados de adultos. “No entanto, o fator fundamental para a ocorrência de uma gravidez precoce, está associada a baixa escolaridade das adolescentes, a idade precoce para a primeira relação sexual, baixas condições socioeconómicas, e o não uso de métodos contraceptivos. Mundialmente, as taxas de gravidezes na adolescência variam entre 143 para 1000 na África Subsaariana, a 2,9 para 1000 na Coreia do Sul (http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S2216-09732013000100014&script=sci_abstract&tlng=pt)”.

A gravidez na adolescência envolve muito mais do que problemas físicos, entretanto acarreta também problemas emocionais, sociais, económicas entre outros.

Alguns especialistas como Canavaro, M.C, & Pereira, A. I 2001, “afirmam que quando a escola promove ações de formação e sensibilização sobre a educação sexual há uma tendência para a baixa probabilidade de gravidez precoce e um pequeno índice de doenças sexualmente transmissíveis”. É importante que quando diagnosticada a gravidez, a adolescente comece o pré-natal (que consiste na assistência na área da enfermagem e medicina prestada á gestante durante os nove meses da gravidez com objetivo de melhorar as condições de vida da gestante e evitar problemas para a mãe e a criança nesse período e no momento do parto) receba apoio da família, acompanhamento psicológico e obstetra adequado a situação”.

A história regista que os problemas da adolescência tiveram importância para a sociedade desde os primeiros tempos. Platão preocupou-se com a inconstância dos adolescentes e Aristóteles com a sua natureza instável e imprevisível, descrevendo-a como impulsiva, irascível, muito emocional de um

modo geral, incapaz de definir as gratificações ou tolerar a crítica (Weiner 1995, pp. 3-4). **Stanley Hall foi o impulsionador do estudo da adolescência, publicando, em 1904, um tratado sobre esta fase desenvolvimental.** Segundo o autor, “a adolescência era um segundo nascimento, consistia num período de vários anos de descontinuidade e de rotura, de instabilidade, de tensão e de perturbações emocionais, de crise de identidade e de conflitos de gerações (Weiner, 1995)”. A adolescência recapitulava um período histórico de transformações rápidas e caóticas ligadas a civilização (Sprinthall & Collins, 1999, p. 15). Sigmund Freud (1960, cit. in Sprinthall & Collins, 1999) considerava igualmente a adolescência como um período forçosamente difícil e turbulento, e os adolescentes como imprevisíveis, inconstantes e atormentados.

1.1. Características físicas e psicológicas na adolescência

Enquanto período de transição, a duração e o significado da adolescência demonstra grande variabilidade em função da realidade histórica e cultural. Assim, em algumas culturas a adolescência é uma transição muito breve que se realiza através de ritos de passagem que redefinem e estabilizam a identidade dos indivíduos. Porém, na cultura ocidental do período de aprendizagem, a adolescência tem-se prolongado, acompanhado a complexificação dos sistemas educativos e da escolaridade obrigatória. Neste contexto, a adolescência estende-se do início da puberdade, em torno dos 12 anos, até aos 17 ou 18 anos (Stratton & Peter, 2003, p. 4).

De acordo com a Organização Mundial de saúde (OMS), em 1997, por conveniência estatística, pode situar-se a adolescência no período entre os 10 e os 20 anos. A comunidade científica adotou, de forma genérica e com relativo consenso, a definição de adolescência da Organização Mundial de Saúde, podendo-se distinguir, nesta segunda etapa de vida (10-19 anos), duas subfases: a primeira adolescência (10-14 anos) e a segunda (15-20 anos). O fim da adolescência ocorre de maneira lenta e gradual, variando de acordo com a cultura e os fatores maturacionais de cada indivíduo. Para Ramos (2001), torna-se essencial compreender a adolescência além de sua demarcação temporal, incorporando a ideia do adolescente como protagonista na construção do seu processo de vida pessoal e coletivo, conferindo-lhe um potencial de emancipação, autonomia e responsabilidade social. Ao mesmo tempo, deve ser encarada como uma fase normal do desenvolvimento humano, com mudanças físicas, biológicas, fisiológicas, sociais e psicológicas, com tendências para a rebeldia, instabilidade, desequilíbrios emocionais, associações grupais, crises de valores e atitudes morais, sexuais e religiosos.

Para Miguel (1990, p. 18), “é na adolescência que a afetividade se orienta mais intensamente noutros sentidos”. Nesta altura, o adolescente projeta os seus afetos em pessoas significativamente exteriores à família. “A adolescência é uma fase da vida em que se adquire uma maturidade intelectual. Através do desenvolvimento do seu pensamento formal, o adolescente adquire capacidades de exercitar o seu pensamento, de se questionar a si próprio, de problematizar e de pensar abstratamente sobre o possível e o provável, jogando com várias perspectivas interpretativas, criticando e interrogando”.

Estes desenvolvem um conjunto de sentimentos e atitudes para com os seus corpos que contribuem significativamente para a crescente sensação de identidade pessoal (Berryman, 2001). Erik Erikson tem sido referido como o homem que deu à adolescência a sua crise de identidade. Ele alterou bastante as ideias tradicionais acerca da natureza da adolescência. A sua facilidade de expressão e as suas profundas intenções conjugaram-se no sentido de reconhecer a adolescência de uma nova maneira, ou seja, como estágio por direito próprio processando-se através da interação entre a pessoa e o meio ambiente (Sprinthall&Collins, 1999, p.192).

1.2. A crise da identidade na adolescência

A construção da identidade pode ser considerada como o principal desafio da adolescência. Segundo Sprinthall e Collins (1999, p. 192), se existe “alguma ideia que seja quase universalmente atribuída ao processo de crescimento pessoal durante a adolescência, ela refere-se ao desenvolvimento da identidade”. Na sua apresentação das investigações e posições teóricas de Erikson sobre a formação da identidade na adolescência, Sprinthall e Collins(1999, pp. 199-200) partem do conceito de *self* ou de “eu / si próprio” – a forma como nos vemos a nós mesmos e o modo como somos vistos pelos outros – , como constituinte nuclear da personalidade adulta. Se esse alicerce for firme e forte dele resultará uma sólida identidade pessoal; se isso não acontecer, a consequência será aquilo a que Erikson chama identidade difusa.

A *difusão da identidade* refere-se a algo semelhante a uma peregrinação perpétua sobre a superfície da terra, em busca do Eu. A sensação de alienação pessoal impede o estabelecimento de um núcleo estável da personalidade. Erikson (Sprinthall&Collins, 1999, p. 201) afirma que o adolescente se situa entre dois sistemas principais, que estão em constante mudança: sistema biopsicológico e sistema psicossocial. Ele tem que lidar com as suas transformações internas, cognitivas e glandulares, ao mesmo tempo que se debate com uma série de regras externas, que são incoerentes e estão em permanente mudança. É difícil compreender os complexos problemas da vida diária e do desenvolvimento pessoal na sociedade moderna quando os costumes e valores morais estão em permanente mudança. A formação da identidade é encarada como um processo integrador de transformações pessoais, assim como das

exigências sociais e das expectativas em relação ao futuro. E chega a resolução da fidelidade. A *fidelidade* é uma capacidade de nível superior para confiar nas outras pessoas, em si próprio e, mais importante ainda, para se dedicar a uma causa. Ela refere-se a um compromisso com os valores humanos universais. É verdade que pode existir uma tensão considerável entre aquilo que o indivíduo sente ser a sua personalidade e o que a comunidade adulta está disposta a aceitar. Após o alcance da identidade o adolescente evita a difusão. (Sprinthall&Collins, 1998, pp. 210-215) elaborou o mais completo esboço sobre os desfasamentos sistemáticos que ocorrem durante a formação da identidade. Aprofundou o legado de Erikson do progresso do adolescente em direção à formação da identidade, distinguindo quatro fases que não são necessariamente sequenciais.

Na *difusão da identidade*, está patente um estado de descomprometimento com a vida. Existem poucos, ou nenhuns, comprometimentos com alguém ou com um conjunto de crenças ou princípios. A ênfase mais importante é dada à relatividade das coisas e à vivência de cada momento. Nenhuma das áreas de gratificação pessoal é posta a parte: todas as coisas são possíveis. O indivíduo parece não possuir um núcleo interno, tenta desempenhar certos papéis sociais, mas abandona-os rapidamente. Parece não existir um Eu; a vida mostra-se em direção errante.

A *insolvência identitária* refere-se ao evitar fazer escolhas autónomas, o indivíduo é mais orientado pelos outros do que por si próprio. Ele aceita em larga medida o papel que as figuras de autoridade ou amigos mais influentes lhe impõem. Parece existir pouca dissonância cognitiva. Ele evita fazer qualquer tipo de escolha para se afirmar, como identidade independente e autónoma. Parece tratar-se de um certo medo de assumir as responsabilidades que a liberdade pessoal acarreta. A *moratória* é, frequentemente, o resultado de uma decisão difícil e deliberada de dar uma trégua às preocupações habituais, tais como as da escola, da universidade ou do primeiro emprego.

1.3. O desenvolvimento emocional

Na adolescência, há uma expansão de tarefas sociais como a inserção do jovem na comunidade dos adultos. Os pais passam a exigir dos seus filhos uma certa independência na tomada de decisões, na resolução de problemas e um certo grau de capacidade da tecnologia ao seu dispor. Também esperam que eles façam uma opção vocacional (Sabin, 2004, p. 92). O amor para o adolescente é uma tentativa para chegar a uma definição da sua identidade e, por isso, ele projeta-se na pessoa amada, buscando nela as características que gostaria de possuir. A relação efetiva estabelecida é limitante. O adolescente se opõe aos amigos e aos familiares da pessoa amada, como também às atividades que requeiram

dedicação e atenção. O ciúme e a intolerância permeiam constantemente sua relação amorosa. Ele é inflexível e intransigente com o desrespeito as regras de convivência estabelecidas. Esta intolerância muitas vezes é uma defesa contra o medo de não ser capaz de manter o amor e vencer as dificuldades inerentes as suas próprias fraquezas. Também costuma idealizar a pessoa amada e a relação amorosa. Um dos aspetos que influem no nível de satisfação com a vida, nesta cultura da imagem, é a aceitação da aparência física e das habilidades académicas, desportivas e sociais. O jovem que sente segurança quanto à sua aparência física e habilidades tem mais facilidade para relacionar-se com o sexo oposto e para envolver-se em novas atividades de grupo. Mostra entusiasmo com os vários aspetos de sua vida e promove mais facilmente seu desenvolvimento. Por outro lado, o jovem que não está satisfeito com a sua aparência física, com suas habilidades e realizações sente-se enfraquecido, incapaz de lutar pelas coisas que deseja e sente-se menosprezado por si mesmo. Tende a estar sempre na defensiva.

1.4. O desenvolvimento cognitivo e sociomoral

Na perspectiva Piagetiana

Piaget desenvolveu a teoria cognitiva, que nasce na adolescência e passa a ocorrer no nível puramente verbal-conceitual, abstrato ou hipotético-dedutivas.

Fora da realidade, de acordo a teoria, ao adolescente é permitido formular o juízo com raciocínio lógico, ponderando não só os seus aspetos imediatos e limitados, mas também hipotetizar os possíveis efeitos de cada uma das soluções propostas (Coslin, 2002, pp. 82-83). A teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget constitui uma explicação particularmente estruturada das mudanças relativas ao aparelho conceitual dos adolescentes. Piaget considera a inteligência como uma forma de adaptação particular do organismo. A perspectiva piagetiana vê na adolescência a última etapa da construção das operações intelectuais, o estágio formal, que começando com a puberdade só encontra um patamar de equilíbrio por volta dos quinze anos. Há que distinguir dois sub-estádios:

- O Formal A, caracterizado pelo facto de a apreensão formal dos problemas se limitar a algumas situações ou certos elementos de uma situação; a descoberta da solução é lenta e parcial; o sujeito tateia, põe hipóteses e formula soluções mais ou menos próximas da solução correta, - O Formal B, onde o jovem se torna realmente capaz do raciocínio hipotético-dedutivo, ou seja, raciocina a partir de hipóteses enunciadas verbalmente, e não da manipulação dos objetos concretos; há o domínio da lógica das proposições, formação de esquemas operatórios novos e descoberta rápida e completa da solução (Coslin, 2002, pp. 82-83). No entanto, durante o desenvolvimento psicossocial do adolescente, este

adquire várias capacidades de formular juízos lógicos na qual lhes permite fazer escolhas profissionais e construir projetos para o seu futuro.

Por outro lado, estas reflexões podem gerar conflitos emocionais no adolescente. Contudo, do ponto de vista prático, essas teorias têm um significado importante, ao facilitar a integração do adolescente no mundo profissional, político e social do adulto.

Ao refletir sobre as ideologias dos adultos, o adolescente começa a construir a sua conceção do mundo. Opondo-se aos valores e aos padrões estabelecidos, envolvendo-se em diferentes causas, projetando para si próprio um futuro grandioso ou querendo transformar o mundo com suas propostas ideológicas, o adolescente utiliza o pensamento formal. Na sua tarefa de integrar-se na comunidade dos adultos, o reformador idealista ou o espírito imaginativo e utópico deve transformar-se num planificador pragmático e executor de ações. A partir das suas especulações ideológicas, ele deve encontrar sua autonomia moral, definido, assim, seus princípios éticos. Assim, do ponto de vista intelectual, a adolescência caracteriza-se pelo aparecimento de modificações qualitativas na estrutura do pensamento. Piaget (1974) denominou esta etapa de estágio das operações formais caracterizada por um pensamento abstrato e pelo exercício de raciocínios hipotético-dedutivos. Assim o adolescente pode pensar de forma abstrata e deduzir mentalmente as várias hipóteses que se colocam, antecipar resultados e consequências, refletir sobre os seus próprios pensamentos, ponderar os pontos de vista de outras pessoas, debater valores e considerar um mundo de possibilidades. Estas novas capacidades cognitivas permitem que o adolescente debata ideias, se interesse por problemas éticos e ideológicos, faça opções e construa a sua própria teoria sobre a realidade social (Monteiro e Ribeiro dos Santos, 2005, p. 53, cit. in Pessanha, 2010, p.90). Como refere Piaget (1974), esta modificação intelectual vai permitir ao adolescente construir o seu sistema pessoal. Em suma o desenvolvimento pessoal durante a adolescência representa um grande salto, pois o adolescente consegue agora, ser mais complexo, compreensivo, empático e abstrato e ter uma perspetiva mais abrangente de si próprio e dos outros (Sprinthall&Sprinthal, 1993, p. 152, cit. in Pessanha, 2010, p. 91).

Na ótica de Kohlberg

Lawrence Kohlberg baseou-se das ideias defendidas pelo Piaget para elaborar uma nova teoria do desenvolvimento moral com seis estádios.

Ambos beberam da teoria do Kant quanto a noção de moralidade pré e pós convencional (Sutherland, 1996), defendendo que a consciência moral não se encontraria no sentimento, mas sim na razão. Após ter construído a teoria “desenvolvimento moral” Kohlberg passou a ser considerado o investigador mais importante da moralidade, visto que aperfeiçoou o modelo Piagetiano, elaborou programas de educação moral para escolas e universidades, fundamentando categoricamente a sua teoria psicológica e moral (Martins, 2005, p.1)

Kohlberg sugeriu várias formas de intervir na passagem de um estágio para outro. Para que isto acontecesse a sua proposta foi a criação de uma comunidade justa dentro das escolas, na qual faria o uso da vida comum na sala de aula para a promoção do desenvolvimento moral (Kohlberg, 1981; Martins, 2005). Para tornar esta ideia possível, Kohlberg alega que seria necessário desenvolver as qualidades indispensáveis a vida comum, tais como: a solidariedade, a confiança, a responsabilidade coletiva e participação. Entretanto, a comunidade ao assumir esses valores como expectativa compartilhadas, os grupos deixariam de ser associações pragmáticas para se transformarem em comunidades cujos membros se regem por objetivos educacionais individuais e valorizam a vida comum como um fim em si.

Kohlberg e os seus colaboradores tentaram provar empiricamente para o mundo a existência de estágios de desenvolvimento moral. Nesta onda de querer fazer valer a teoria, consideraram que os jovens deveriam passar por todos os estágios sistematicamente. Defenderam também que o nível pós-convencional alcançado pelos 20-25 anos seria aquele em que passariam a maior parte da sua vida, em termos morais. Entretanto, ao contrário do que defende Piaget, seria possível retroceder para um estágio mais primitivo (Sutherland,1996).

No entanto, após várias pesquisas Kohlberg chega conclusão que o desenvolvimento moral completo mostra que o indivíduo tivesse alcançado o último estágio do desenvolvimento cognitivo.

Os instrumentos utilizados nas suas pesquisas foram os seguintes: os dilemas morais, a entrevista clínica, (diálogos com argumentações e contra-argumentações), vídeos que permitiram analisar a mímica e os gestos dos sujeitos participantes (Kohlberg,1981).

Para definir os seis estágios e fazer o diagnóstico do desenvolvimento moral, Kohlberg ponderou três aspetos:

- A qualidade da moral defendida e representada pelo conteúdo ligado aos argumentos apresentados (punição, lei, vida, liberdade, justiça, papéis afetivos e autoridade).
- A justificação dos argumentos (estrutura e coerência da argumentação).
- A orientação sócio-moral consciente do sujeito.

Dos inúmeros estudos desenvolvidos por Kohlberg sobre o desenvolvimento do pensamento moral, eis que surge a distinção de três níveis de desenvolvimento moral: nível pré-convencional, convencional e pós convencional (Alves, 2002; Kohlberg, 1981; Lourenço, 1992).

Segundo Lourenço “A existência destes níveis distintos foi encontrada em sujeitos de cultura muito diferenciadas (...)” (1992, p.88). Neste sentido assumem-se como três modos diferentes que o sujeito encontra para se relacionar com as regras morais e as expectativas da sociedade, tendo um carácter universal.

Para Kohlberg moralidade *pré-convencional*, corresponderia à moralidade heterónima criado pelo Piaget, isto é, refletindo um conjunto de normas externas que se acata para evitar punições. No entanto Kohlberg (1981), refere que este nível abarcaria a faixa etária com menos de nove anos, adolescentes e adultos, bem como uma percentagem significativa de delinquentes e criminosos.

Desta forma, o indivíduo colocar-se-ia de fora, não interiorizando ou assimilando a norma moral. A lei surgiria como algo imposto por uma força superior, sendo forçada. A obediência justificava-se com o intuito de evitar a punição (Colby & Kohlberg, 1987, in Alves, 2002).

“A *moralidade convencional* estaria ligada aos sujeitos que já interiorizaram as normas e as expectativas sociais. Contudo nesta fase já haveria uma orientação para a moralidade interpessoal de modo a que o sujeito ganhe o respeito, estima e consideração dos outros. Tal como Kohlberg (1981) refere, neste nível do desenvolvimento moral, os sujeitos possuiriam uma perspetiva sócio- moral de alguém que vive em sociedade e que sujeita os seus interesses e as suas necessidades individuais às necessidades do grupo”.

Alves refere que “(...) a pertença a este nível significa que os indivíduos são já capazes de fazer a distinção entre moralidade e convenção social, privilegiando, no entanto, a moralidade como um sistema de regras e papéis socialmente partilhados (2002, p.74)”.

Em suma, neste nível já haveria interiorização das normas e expectativas sociais, sendo que o indivíduo se sentirá membro da sociedade, partilhando as suas opiniões e assumindo a lei como elaborada por e para todos (Colby & Kohlberg, 1987, in Alves,2002).

“O *nível pós-convencional*, também designado de nível de autonomia e dos princípios morais, apenas seria vivenciado por um pequeno grupo, normalmente após os 20-25 anos de idade”.

Desta forma, seria o nível moral de um indivíduo que compreende as normas na sua relatividade, como regras de ação cuja finalidade seria garantir o respeito por esses princípios em determinados contextos. Como dizia o Kohlberg (1981), “neste nível o indivíduo deveria cumprir as normas morais passando a encará-las como um “absoluto moral”, pelo que todas as pessoas dever-se-iam respeitá-las em quaisquer circunstâncias. Esta perspectiva seria a de um indivíduo que se comprometera com os princípios morais que deveriam suportar uma sociedade boa e justa”.

Além dos três níveis de moralidade que foram analisados, a teoria de Kohlberg aponta para a existência de seis estádios de desenvolvimento moral. Desta forma, procuraram delinear as etapas do juízo moral na adolescência, através do desenvolvimento de um modelo de identificação dos estádios do pensamento moral (Claes, 1990, in Alves, 2002).

1.5. O desenvolvimento vocacional

Um dos problemas que mais preocupa o adolescente é a escolha vocacional. A escolha vocacional é resultante da interação entre as aspirações, competências e conhecimentos que o indivíduo possui e as condições reais que se lhe oferecem no seu contexto de vida, incluindo os fatores socioeconômicos do macrossistema. Assim, Sabin (2004, p. 96) refere que: “A primeira opção deve ser feita até ao final da adolescência, o indivíduo deve considerar alguns pontos antes da execução da sua escolha”. Em primeiro lugar deve rever as etapas da decisão, para ter a certeza da estabilidade da mesma. Em segundo planejar e operacionalizar os caminhos a serem percorridos, inclusive, se possível, antecipar as dificuldades que encontrará. Em terceiro lugar, deve proteger sua decisão contra influências momentâneas ou dificuldades passageiras. E por último, deve formular algumas escolhas alternativas, caso a realização da primeira escolha se torne muito difícil ou impossível. O problema da escolha da carreira durante a adolescência é que as correlações com a realidade são muitas vezes baixas. A compreensão da relação entre aquilo que o adolescente está a realizar no momento presente e a futura escolha de uma carreira é, frequentemente, inexistente ou ignorado. Contudo, a tomada de decisão e o planeamento para o futuro são extremamente importantes se o adolescente mantiver as opções em aberto.

Evidentemente que os adolescentes gostariam de possuir um objetivo claro e definido relativamente à carreira que irão seguir. Porém, uma escolha inicial pode ser imprudente ou prematura, dado que as capacidades, competências e valores ainda não estão consolidados na altura da adolescência. Por outro

lado, sabe-se que um comportamento sem objetivos ou uma escolha não planeada e impulsiva, sem finalidades, pode levar a meandros circulares – por isso surge o paradoxo. A adolescência, enquanto estágio de desenvolvimento, é sinónimo de uma mudança significativa numa variedade de domínios. Durante este período de alterações, uma escolha muito inicial pode ser baseada em avaliações de competência altamente incorretas. Todavia, manter as opções ligadas à carreira em aberto, quando tantas áreas da vida do adolescente estão igualmente sem qualquer ponto de convergência, pode trazer mais confusão e instabilidade à sua vida (Sprinthall&Collins, 1998, pp. 611-612). Piaget e Elkind consideram o paradoxo cognitivo da adolescência: o aparecimento das operações formais (uma progressão) e o incremento do pensamento egocêntrico (uma regressão cognitiva). Ora, a escolha profissional pode contribuir para o declínio do pensamento egocêntrico e para o aumento da cognição descentrada. A descentração característica das operações formais, por definição, permite ao indivíduo compreender a natureza subjetiva das possibilidades e probabilidades, a perspetiva temporal e de facto o dilema de escolha e do compromisso. Piaget concebe o pensamento formal e descentrado como uma possibilidade e não como um resultado garantido da entrada no mundo de trabalho. O processo de interação entre o adolescente e a própria escolha de uma carreira pode fomentar o desenvolvimento cognitivo dentro do estágio das operações formais. Porém, é a qualidade de interação estabelecida e da atmosfera da aprendizagem que determina se a escolha servirá, ou não, para descentrar os padrões de reflexão do adolescente acerca da carreira (Sprinthall&Collins, 1998, p. 613).

2. A sexualidade na adolescência

Segundo Nunes e Silva (2000), Freud foi o primeiro a considerar com naturalidade os atos e efeitos sexuais das crianças como ereção, masturbação e mesmo simulações sexuais. Atualmente, é aceite que a sexualidade começa e mantém-se durante toda a vida, tendo diferentes formas de expressão. A sociedade em que o indivíduo está inserido tem um papel fundamental no processo da adolescência, ou seja, na sociedade concorrencial, consumista, violenta, dificilmente oferece um meio de vida estruturante que abra grandes horizontes. A adolescência é um período de rápido crescimento somático e desenvolvimento psíquico, acompanhado de alterações funcionais qualitativas ao nível do indivíduo e das suas relações com o meio social. É um momento crucial na vida do ser humano. Nesse período, começam a entrar em contato com a vida sexual e apresentam comportamentos exploratórios experimentais que, em geral, são muito valorizados pelos grupos de pares, mas que podem prejudicar o seu projeto de vida, sendo assim alguns fatores contribuem para que iniciem a vida sexual precoce. Os

adolescentes experimentam notáveis transformações fisiológicas que os preparam para uma sexualidade mais plena. A sexualidade também se deve a uma curiosidade natural, um desejo de buscar afeto e aceitação, ao mesmo tempo que lhes parece uma demonstração de maturidade que creem ter alcançado face ao grupo e inclusive a si mesmos (Miller & Moure, 1990, p. 52). Entre os fatores que têm impacto sobre a sexualidade dos adolescentes, encontram-se também o contexto social geral que inclui, entre outros elementos, as tradições culturais, moda, a influência dos meios de difusão massiva (rádio, televisão, publicidade), a família e a religião. Todos estes elementos podem oferecer ou reprimir em maior ou menor grau o impulso sexual da juventude (Santrock, 1996, p. 170). Segundo Kilander (1996, p. 168), os adolescentes que se envolvem em atividades sexuais precoces apresentam, geralmente, o seguinte perfil: filhos(as) de mãe solteira, de pais divorciados ou de uma família desestruturada, baixo rendimento acadêmico, nível socioeconômico familiar baixo, pais com nível escolar baixo, sem prática religiosa, tendência para o consumo de álcool, tabaco e outras drogas, e escassos recursos comunicativos.

2.1. Influência dos meios de comunicação e cultural na sexualidade

A sexualidade está presente em todas as etapas da vida, envolvendo práticas e desejos. A influência dos meios de comunicação social tem sido abrangente, onde diversos programas interferem diretamente na sexualidade, proporcionando o início da vida sexual precoce por vezes até na pré-adolescência. No entanto, essa experiência ocorre de maneira diferente entre os adolescentes, existem desigualdades de gênero, de condições socioeconômicas e culturais e as de etnia, e também de discriminação pela orientação sexual (Costa & Bigras, 2007). Os meios de comunicação social e a sociedade em geral interferem diretamente nas escolhas pessoais, divulgando informações, histórias e fantasias, despertando o consumo e a experimentação, vendendo uma felicidade fácil, mas superficial, influenciando diretamente a vida dos adolescentes. Mayer et. al. (2007, p. 221) afirmam que “a cultura de forma muito ampla, o prazer, a felicidade e a saúde tornaram-se imperativos, onde o amor e a sexualidade são componentes indispensáveis para que esse prazer e a felicidade se realizem. E a vivência deste prazer está associada à disposição e à capacidade de enfrentar e correr riscos, perfazendo uma relação entre prazer e perigo”.

3. A Gravidez precoce e o tabu da Sexualidade em STP

3.1. Fatores determinantes da gravidez na adolescência

A gestação na adolescência é um facto na nossa sociedade, relacionada a fatores diversos, como a falta de implementação de uma política de atenção específica para essa faixa etária e de componentes sociais e cultural característica de determinadas regiões ou populações. Godinho et al. (2000) apontam para possíveis causas da gravidez na adolescência: a falta de lazer, a desestruturação familiar, a necessidade de expressar amor e confiança. Estes fatores, entre outros, podem levar a adolescente a iniciar uma vida sexual precoce aumentando o risco de uma gestação indesejada. Referem também a ausência de educação sexual nas escolas e a falta de programas de planeamento familiar nos serviços públicos como fatores potenciais de gravidez na adolescência. A família é um elo fundamental para o crescimento, desenvolvimento e transformação do adolescente, o qual deve ser compreendido como um todo que possui sua história e está em constante transformação, com diversos significados, estruturas e compromissos mútuos (Ramos, 2011). Ainda existem inúmeras barreiras no diálogo entre pais e filhos, pois estes por mais liberais que possam ser, apresentam dificuldades em abordar assuntos relativos à sexualidade com os seus filhos. Segundo Correia e Alves (1990, p. 35) “a carga excessiva de conflitos, que surgem e são reativados na adolescência, podem conduzir a um jogo sexual precoce no seio das relações familiares de onde a adolescente pode engravidar como forma de atenuar as suas carências”. Persona, Shimo e Tarallo (2004) descrevem que o desejo consciente ou inconsciente das adolescentes engravidarem está relacionado ou pode ser influenciado por fatores como o de perder o namorado, desejo de sair de casa dos pais, afirmação da feminilidade através da fertilidade, expectativa de encontrar no filho um objetivo para a sua vida como sua companhia. Mas também os mesmos autores também referem questões relacionadas ao desenvolvimento e uso inadequado dos métodos contraceptivos, ausência de orientações sobre fisiologia e sexualidade, além do uso de substâncias como álcool e outras drogas.

Outro fator apontado é a falta de informação. Borges e Schor (2005) advertem que “existe ainda uma lacuna entre o acesso à informação e a promoção de uma mudança de comportamento”. Ao se avaliar a vulnerabilidade dos adolescentes, Costa e Bigras (2007, p. 105), afirmam que “no que diz respeito à infância e adolescência, as peculiaridades biopsicossociais relacionadas ao processo de crescimento,

desenvolvimento pessoal (maturidade emocional e intelectual) inserção social caracterizam este grupo como de alta vulnerabilidade aos agravos sociais”.

3.2. Consequências da gravidez na adolescência

Sempre que gravidez e adolescência coexistem, a crise da adolescência anuncia uma outra crise: a da gravidez. Muito mais do que expor exaustivamente este fenómeno, procurar-se-á descrever o que representa a gravidez na adolescência, as suas principais causas, consequências e as mudanças mais representativas (fisiológica, psicológica e sociocultural) e tentar responder a questões do estudo e avaliação da problemática sobre o processo de ensino aprendizagem. As consequências no decorrer de uma gestação na fase da adolescência são de diversa etiologia, podendo ter efeitos significativos para o futuro destas.

A gravidez na adolescência acarreta muitas consequências na aprendizagem, pois as adolescentes grávidas perdem o interesse, sofrem preconceitos, enfrentam problemas de natureza social e muitas delas abandonam a escola ou diminuem drasticamente o seu envolvimento e rendimento no processo de ensino-aprendizagem. Ao mesmo tempo, estas adolescentes também são consideradas um grupo de risco na questão da gravidez não planificada, assim como nas doenças de transmissão sexual. As consequências de uma gravidez desejada ou não, para as adolescentes, podem ter a sua origem em múltiplos fatores de diversa índole: física, sociocultural e emocional. Entre os fatores que contribuem para a gravidez na adolescência, destaca-se a existência da atividade sexual precoce. Com efeito, segundo Lourenço (1998, p. 51), deve notar-se que: a este fenómeno não é indiferente a contextualização numa sociedade cada vez mais erotizada, nomeadamente pelos meios de comunicação social, com a proliferação cultural de conteúdos e estímulos sexuais. É notória a mudança de valores relativos à sexualidade aumentando a permissividade e valorizando-se as dimensões comunicacionais e do prazer. Esteves e Meandro (2005) apontam que a gestação na adolescência está relacionada com a impossibilidade de completar a função adolescente, antecipando escolhas e abreviando experiências. Também provoca abandono escolar, menor probabilidade de qualificação profissional e consequentemente, menos oportunidade de inserção no mundo do trabalho, além de afastamento do grupo de pares amigos, culpabilização, agressividade familiar, perda de oportunidades de trabalho, diminuição da probabilidade de relacionamentos maduros, duradouros e felizes. Godinho et al. (2000, p. 28) elucidam que: o expressivo número de adolescentes que abandonam seus estudos devido à gravidez pode ter relação com a vergonha destas meninas mais jovens em assumirem-na, de enfrentarem os colegas e professores, pois estão muitas vezes sozinhas. A saída mais fácil acaba sendo o abandono escolar já no início da gravidez. Além destas, Damiani (2005, p. 17) enfatiza outras consequências

negativas de uma gravidez na adolescência referindo-se que “uma gestante jovem pode apresentar insatisfação, baixa autoestima, rejeição social, ansiedade, depressão e frustração”. Esteves e Meandro (2005) apontam um aumento das dificuldades para restabelecer a vida sexual e controlar a fecundidade, formar uma família bem estabilizada, atingir a independência financeira e a estabilidade conjugal, podendo sofrer de abandono familiar e de estigmatização. Além do impacto emocional e social, há ainda consequências referentes à saúde da mãe e da criança, estando associadas a altas taxas de morbimortalidade materna, abortos, e também complicações no parto.

Segundo Cordeiro (2009, p. 355), “embora o abandono escolar seja uma das consequências temidas, a maior parte das jovens que são mães já abandonaram os estudos antes de engravidarem. Outro aspecto a salientar é a enorme responsabilidade que lhes incumbe, não somente ao nível económico que é a mais óbvia, mas sobretudo ao nível da coartação da liberdade referente aos comportamentos de exploração e experimentação de papéis e de socialização com os pares, essenciais para prosseguir a sua definição identitária. Isto pode conduzir a problemas graves, designadamente em relação aos cuidados maternos a prestar ao bebé. Da mesma forma, o conflito emocional consigo própria, com o namorado/marido, e com a família e o meio social envolvente pode ser uma fonte de grande ansiedade e stress, que pode deixar marcas indeléveis na jovem e comprometer o seu ajustamento psicológico. Em suma, a gravidez na adolescência é um fenómeno universal”.

Encontram-se adolescentes grávidas em todos os estratos sociais, embora seja mais prevalente em classes sociais desfavorecidas. Constituem fatores de risco o abandono escolar, o baixo nível de escolaridade da adolescente, do companheiro e da família, a ausência de projetos profissionais futuros, e a repetição de modelos familiares (ser filha de mãe adolescente). Apesar da grande angústia e incerteza que acompanha esta experiência, verifica-se que “muitas vezes a adolescente grávida sente orgulho em ter o filho, funcionando a maternidade como auto-gratificação e auto-compensação afetiva” (Rodrigues, 2010, p. 201).

3.2.1. Aspetos Somáticos

A idade é um critério de distinção essencial. Porém, antes dos 15 anos ou idade ginecológica análoga, os riscos somáticos são significativamente mais elevados, havendo maior probabilidade de parto prematuro, anemia, infeções urinárias e partos difíceis. Portanto, a mortalidade perinatal é inversamente proporcional à idade da gestante (Daniel & Alain, 2005,227).

3.2.2. Aspectos psicossociais

São inúmeros os fatores psicossociais que aumentam o risco de uma gravidez, de um parto ou de uma interação mãe-bebê com perturbações e desequilíbrios. Com efeito, a gravidez surge muitas vezes num clima de rotura sócio-familiar: adolescente isolada, em conflito com os pais, por vezes claramente rejeitada pela família; em rotura com uma escolaridade com frequência marcada pelo insucesso; sendo frequentes os comportamentos agressivos (impulsividade) assim como as fugas. Não é raro que uma tentativa de suicídio preceda uma gravidez ou aconteça depois de uma interrupção voluntária da gravidez (parece que a primeira eventualidade possui prognóstico psicopatológico mais favorável). Os comportamentos de toxicomania (ligados ao consumo de substâncias: álcool, tabaco, etc.) precedem muitas vezes a gravidez. Os antecedentes de separação traumática, de colocação em lares sociais são frequentes. O progenitor está, em geral, ausente: tanto abandona a adolescente, como a adolescente guarda segredo da sua identidade. O nível sociocultural e socioeconómico da adolescente tende a ser desfavorecido: o modo de vida e a organização social estão desorganizados ou caóticos, os conflitos familiares são habituais, os antecedentes de violência sofridos (sevícias, abusos sexuais) não são excepcionais.

“Neste contexto, a ocorrência da gravidez acentua a situação de rotura. A gravidez mantém-se, muitas vezes, escondida durante muito tempo (gravidez discreta), sendo por vezes descoberta apenas aquando do parto. O acompanhamento médico é inexistente ou irregular (aumentando os fatores de risco). Quando é descoberta, a gravidez pode provocar exclusão familiar, escolar, afetiva (perda do companheiro), o que acentua o isolamento e a solidão da adolescente” (Daniel e Alain, 2005, pp. 227-228).

3.2.3. Aspectos psicológicos e psicopatológicos

Como se explica no parágrafo anterior, as adolescentes apresentam muitas vezes traços de carência afetiva e de falta de autoestima. Em termos psicodinâmicos, pode-se descrever o comportamento sexual da adolescente como forma de compensação para obter uma relação de ternura e de cuidado materno. Encontrando-se em situação de rotura e de insucesso escolar, os investimentos sublimatórios e idealizados são, geralmente, ineficazes (o ideal do Ego carece de poder organizador). Nestas condições, o desejo de gravidez vem responder à ausência de projeto sublimatório eficiente e inscreve a adolescente num processo de identificação materna e social, permitindo-lhe antever uma gratificação afetiva “quero

guardar esta criança porque assim ao menos alguém me amará”. O abandono da criança é uma possibilidade raramente considerada e aceita pela adolescente. Ao mesmo tempo, dado que a adolescente viveu muitas relações conflituosas e agressivas com a própria mãe, a sua gravidez permite-lhe rivalizar ou triunfar sobre a sua própria mãe.

Se, num primeiro momento, a gravidez pode surgir como um meio de conquista de identidade, essa maternidade precoce pode culminar em efeitos de rutura de desenvolvimento “rigidificação dos processos identificatórios, regressão notável, compulsão de repetição através da rejeição, do insucesso, da desvalorização, etc” (Daniel & Alain, 2005, p. 228). A gravidez é um período de transição biologicamente determinado por mudanças metabólicas complexas e por mudanças no contexto social abarcando necessidades de novas adaptações. As repercussões da gravidez na adolescência têm carácter orgânico e, principalmente psicossocial. Independentemente do meio social ou cultural, a gravidez na adolescência tem um papel fundamental na determinação de futuras oportunidades das adolescentes. Observa-se um isolamento social, com afastamento do grupo de amigos e das atividades próprias da idade. Quando as adolescentes ficam confrontadas com uma gravidez, nesta etapa da sua vida, elas são afetadas a diversos níveis, tais como: físico, psicológico, familiar e social. Ao nível físico, na adolescência, ocorrem as últimas e mais importantes transformações do corpo, assim a gravidez neste período 12/18 anos é considerada de risco, e quanto mais baixa a faixa etária da adolescente maior e a proporção de complicações. Ao nível psicológico, a adolescência, por ser um período de crise, é eventualmente agravada com a gravidez. A adolescente desorganiza-se internamente, emergindo sentimentos de culpa. A instabilidade psicológica e a insegurança emocional podem conduzi-la a estados de ansiedade e depressão, o que contribui para o afastamento dos que a rodeiam. Elas vêm-se obrigadas a as situações como se já fossem adultas e as suas próprias tarefas do desenvolvimento. As atitudes pessoais destas adolescentes revelam um perfil caracterizado por rendimento escolar baixo e ausência de aspirações ou projetos vocacionais ambiciosos. Ao nível familiar, a maior parte dos pais perante a gravidez precoce adota uma posição de desapontamento, vergonha e muitas vezes agressividade, quando a adolescente grávida necessitaria de todo o apoio familiar. Quanto ao nível social, a adolescente grávida vive um profundo desajustamento relativamente às expectativas e às normas sociais, suscitando sentimentos de vergonha, culpa, medo e insegurança face aos comportamentos dos familiares, amigos e da própria sociedade. Todos estes aspetos levam a que a adolescente não procure desenvolver projetos de vida para si, abandonando muitas vezes a escola ou diminuindo o seu rendimento e submetendo-se a uma ocupação profissional cuja remuneração baixa e fracas

possibilidades de satisfação laboral. A atribuição de papéis que surge com a gravidez incrementa as responsabilidades no contexto de vida, implicando assim mudanças a nível emocional, familiar, grupal, social, escolar e profissional, exigindo uma redefinição identitária complexa.

4. A realidade em São Tomé e Príncipe

A República Democrática de São Tomé e Príncipe, conhecido por ser um país com um estilo de vida leve-leve, situa-se perto da linha do equador. É constituído por duas ilhas, as ilhas de São Tomé e do Príncipe, que distam cerca de 140 km uma da outra e cerca de 250 e 225 km da costa noroeste do Gabão, respectivamente. Outros países próximos são a Guiné Equatorial e os Camarões.

(https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Tom%C3%A9_e_Pr%C3%ADncipe). Faz parte de uma cadeia vulcânica com rochas além das florestas tropicais e prais. De acordo as informações obtidas no (FNUAP, 2015) “Em 2013, o Sector de Apoio a Adolescente registrou 1.023 casos de gravidez precoce no país, um aumento aproximadamente 115% de casos em comparação ao ano de 2011. Água-Grande e Lobata são alguns dos distritos que apresentam um número elevado de adolescentes grávidas.



O último Inquérito Demográfico e Sanitário de STP revela uma fecundidade precoce e elevada entre as idades de 15 e 19 anos, até a sua redução significativa aos 40 anos de idade. O nível de fecundidade corresponde ao número médio de bebés que supostamente uma mulher virá a ter ao final de sua vida fértil. No caso de São Tomé e Príncipe, estima-se em 4,9 um número considerado elevado.

As adolescentes deparam-se com uma extrema pobreza, divergência cultural e pressão social mesmo com variações entre as regiões urbanas e rurais. Água-Grande, distrito que recebe a capital do país, também chamada de São Tomé, apresenta o maior número de incidência com 450 meninas grávidas com idades compreendidas entre 15 e 19 anos”.



4. A posição da escola:

Avaliação de mudança do turno escolar

Embora não exista uma legislação, na qual prevê a transferência das adolescentes grávidas para o curso noturno, mas é unânime entre as escolas secundárias de São Tomé e Príncipe o tal ato. Em geral, as jovens mães têm dificuldade em enfrentar os olhares e o preconceito da sociedade. No entanto entendem de que uma adolescente grávida poderá vir a incentivar outras a engravidarem. Aos tabus sociais acrescenta-se o facto de as escolas não possuírem o suporte apropriado para fazer um acompanhamento psicológico e social das alunas nesta situação. A escola de forma a evitar estes constrangimentos, transferem-nas de imediato para o turno da noite. Contudo, nem todas conseguem adaptar-se a esta mudança de horário e também suportar os custos que a partir deste momento passa a ser o encargo delas próprias (propinas, materiais escolares, transporte, etc.). No entanto, submetidas a uma pressão constante, algumas dessas meninas veem-se coagidas a largar o ensino escolar.

As opiniões da grande maioria de encarregados de educação é favorável, quanto as medidas tomadas pela escola na transferência das alunas grávidas do turno da manhã e da tarde para o turno da noite, uma vez que assim não passam a má imagem para outras meninas. No turno de noite, por ser o ensino de adultos as mesmas sentirão mais familiarizadas e menos oprimidas, e por outro lado, correm menos riscos de serem agredidas nas brincadeiras com as colegas.

Combater a gravidez precoce implica combater, também, o abuso sexual de menores perpetrado na sociedade. Jair Pimentel do Centro de Aconselhamento e Violência Doméstica ressalta a gravidez precoce como resultado do relacionamento com homens de idade mais avançada: “Em geral essas miúdas de 17 (anos) relacionam-se com homens muito mais velhos”.

O país apresenta aproximadamente 55% de taxa de desemprego, deste valor a maioria está associada às mulheres. Para reduzir o custo dos gastos com a família que vivem nas roças, o pai permite que a filha envolva-se com homens de idade mais avançada.

Para além, na cultura de São Tomé e Príncipe diz-se que duas mulheres não podem ocupar a mesma casa. Neste caso, a saída da filha é incentivada por meio de um relacionamento. De acordo com o livro *Camaradas, Clientes e Compadres*, escrito pelo antropólogo Gerhard Seibert, sair de casa é o início oficial de uma vida sexual.

4.1. O direito a proteção de menor

Apesar dos costumes, os artigos 51º e 52º da Constituição da República Democrática de São Tomé e Príncipe asseguram o respeito e a proteção da criança e do jovem. Enquanto por um lado há o incentivo familiar, por outro lado percebe-se a ingenuidade misturada com o desejo pelo consumo das jovens iludidas por ofertas. Em ambos os casos, acredita-se que o comportamento fundamenta-se em problemas financeiros.

4.2. O impacto da economia na vida da mulher são-tomense

O relatório de 2014 liberado pelo African Economic aponta que “aproximadamente 50% da população do país vive abaixo da linha da pobreza, com 16% de sua população em extrema pobreza com menos de 1US\$ por mês. Valores que, ao serem comparados ao ano de 2001, mostram uma queda sutil de acordo com as metas estabelecidas pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Entretanto, o rosto feminino surge como representante desta situação económica nas regiões mais afetadas”.

O African Economic ressalta maior incidência entre as mulheres, com aproximadamente 71%, afetando distritos como Água-Grande, Lobata e Mé-Zóchi. É dentro deste cenário que a questão da gravidez precoce torna-se ainda mais delicada.

De acordo com o último Inquérito Demográfico e Sanitário, apesar da maioria das mulheres serem consideradas alfabetas, 14% destaca-se por não saber ler, mesmo que tenha aprendido. Este fenómeno caracteriza-se por elas terem largado o ensino ou terem esquecido o que aprenderam.

5.A Escola: Um ambiente favorável à prevenção da gravidez na adolescência

O processo docente educativo (Mendes, 2007, p. 26) é uma integração de múltiplos aspetos ou dimensões: recursos humanos e materiais, meios técnicos, funções e estruturas organizacionais, qualidades pessoais e etapas de desenvolvimento, que formam uma unidade totalizadora que se desenvolve dinâmica e dialeticamente para produzir aprendizagens significativas e estimulantes do desenvolvimento. Também se pode definir como um conjunto de atividades intencionais, relacionais e estruturadas do professor e do aluno visando a alcançar determinados resultados (domínio de conhecimentos, atitudes e valores). Cabe à escola, como instituição responsável pela formação integral

e pela socialização do conhecimento construído ao longo da história, a organização curricular e pedagógica da discussão sobre a sexualidade, com vista a ampliar o entendimento da sexualidade humana, desmistificar os tabus e preconceitos e possibilitar espaço para reflexão contínua. Assim, pode-se promover a prevenção da gravidez precoce e das doenças sexualmente transmissíveis, norteadas pela compreensão da sexualidade enquanto fenômeno humano e pelo reconhecimento das necessidades dos adolescentes. Cordeiro (2009, p. 498) refere que é cada vez mais importante que os pais participem na vida escolar dos filhos, não só mostrando preocupação e interesse relativamente às atividades escolares, mas adotando também uma atitude proativa e participando realmente dentro e fora da escola. A escola, por sua vez, deve garantir o direito e espaço para discutir, verbalizar e construir uma vida sexualmente harmoniosa, destacando a importância do planejamento e da elaboração conjunta das atividades, da formação continuada dos professores e da avaliação das intervenções com os alunos. Na escola, deve ser proporcionado conhecimentos, discussões e reflexões sobre a sexualidade junto a todos os segmentos da comunidade escolar. Em relação à escolaridade, encontramos diversos autores que reforçam que a gestação na adolescência deve-se ao baixo nível de escolaridade educacional.

5.1. O professor como promotor do desenvolvimento no processo de ensino-aprendizagem

O professor encontra-se numa posição particularmente vantajosa em relação aos conflitos motivacionais, porque para além dos pais, provavelmente mais ninguém tem a oportunidade única de observar durante tantas horas e numa variedade tão grande de situações. O professor pode observar como a criança se relaciona com os adultos, com o grupo de pares e com a frustração e pode detetar quando estas reações parecem desviantes. Não se sugere que os professores passem todos a ser psicólogos profissionais, mas quer se queira, quer não, de facto, nós «psicologizamos» sempre que fazemos interferências sobre como e porquê as pessoas se comportam deste ou daquele modo (Sprinthall&Sprinthall, 1993, p. 521). O estudo da motivação na sala de aula, especialmente em relação ao rendimento académico é, de facto, fascinante. À medida que as pessoas se compreendem a si próprias, se conhecem, e se libertam, toda a humanidade se beneficia: os motivos fundamentais do indivíduo são precisamente os mesmos que os motivos da sociedade. Idealmente, as tarefas de aprendizagem deveriam estar organizadas de modo a promover o desenvolvimento da competência pessoal e a auto-mestria. Como tal, os objetivos da escola deveriam incluir a estimulação, a promoção e a facilitação do desenvolvimento pessoal no contexto da aprendizagem, de molde a compensar os efeitos debilitantes e a aumentar a plena realização do potencial humano (Sprinthall&Sprinthall, 1993, p. 521). As adolescentes no decorrer desta fase vivenciam inúmeras dificuldades, pois sendo adolescentes, estudantes e grávidas têm que aprender matérias do currículo escolar e também a conviver

com gravidez e aprender a ser mães. Muitas das vezes tornam-se vítimas de discriminação e preconceito dentro da sua instituição de ensino, o que poderá levar ao abandono escolar. O conhecimento emergente da prática dos profissionais sobre o que se faz e em que condições se desenvolvem os processos educativos condiciona o quê, o como e o porquê dos mesmos. A sua profissionalidade (re) constrói-se no seu contexto próprio – a escola –, mas esta tem de se pensar a si própria, na sua missão e no modo como se organiza para cumprir. Tem também de ser “reflexiva” (Alarcão, 2003, p. 44). É neste sentido que a transformação dos processos de aprendizagem implica uma nova organização da escola e da sua relação com o meio, pois é na interação entre os vários saberes que cada qual aprende a usá-los em situações concretas e desenvolver o seu saber. Os professores, enquanto profissionais do humano, tomam consciência da sua identidade profissional e só ela pode remeter à “permanente descoberta de formas de desempenho de qualidade superior e ao desenvolvimento da competência profissional na sua dimensão holística, interativa e ecológica” (Alarcão, 2003, p. 43). Ser professor no séc. XXI requer uma atitude pessoal e profissional do tipo crítico-reflexivo que o leva a repensar e reajustar o seu desempenho face as situações imprevisíveis e ambíguas da sua prática pedagógica. Compete-lhe fazer uma “gestão curricular diferenciada de acordo com a ecologia das circunstâncias que caracterizam cada situação e cada contexto” (Sá-Chaves, 1999, p. 37). A construção e o desenvolvimento do currículo exige do professor um conjunto de competências de mobilização para a ação e de pensamento estratégico para a consecução das atividades. Os professores, como mediadores entre a sociedade e os alunos, tornam-se agentes imprescindíveis para a socialização destes. Deste modo, podem tornar-se professores credíveis que, de acordo com Perrenoud (2002, p. 127), são aqueles que não se contentam em dar lições, mas que se apresentam como seres humanos complexos e como atores sociais que incarnam interesses, paixões, dúvidas, faltas, contradições, defeitos e virtudes, empenhamentos, que são atores que lutam, como todos nós, com o sentido da vida e as incertezas da condição humana. Esta visão aponta para se repensar a profissão numa perspetiva em que ser professor neste século exige a transformação dos seus modos de trabalho, de se relacionar com os alunos e com os outros elementos da comunidade. Exige também capacidades para utilizar os seus recursos cognitivos múltiplos para agir da melhor maneira, face a situações complexas. Ensinar a prevenir é educar através de informações disponíveis organizadas, de maneira lógica e significativa, pelo professor e através de comportamentos e ações diante da realidade com que se defronta, para gerar resultados satisfatórios que transformem a sociedade.

PARTE II – Estudo empírico

6. Metodologia de investigação

6.1. Definição do problema e dos objetivos da investigação

O elevado número de adolescentes grávidas nas escolas, a vivência decorrente desta situação para elas, para os familiares, para os professores constitui um problema atual, na qual o estudo se debruça para perceber como as adolescentes vivenciam essa etapa das suas vidas e quais as melhores estratégias psicopedagógicas institucionais para acompanhar e garantir o seu sucesso acadêmico. Com base neste problema, procurar-se-á dar resposta às seguintes perguntas de investigação:

- ✓ **Será que a gravidez constitui um obstáculo para o processo de aprendizagem das adolescentes nas escolas Secundárias de São Tomé e Príncipe, nomeadamente a Escola Januário José da Costa?**
- ✓ **Qual é o nível de insucesso das adolescentes grávidas?**
- ✓ **Que tratamento, abordagem ou resposta a escola apresenta face a este problema?**
- ✓ **Que importância as adolescentes grávidas atribuem ao seu percurso escolar?**

O estudo tem como objeto de investigação a gravidez na adolescência e sua implicação no processo de ensino e aprendizagem. Com base no problema e nas perguntas de investigação, formula-se como *objetivo geral*, compreender o modo como as adolescentes grávidas vivenciam essa etapa da sua vida, relativamente ao seu o seu impacto no processo de ensino-aprendizagem. Os objetivos específicos traçados para a problemática em estudo visam:

1. Analisar qualitativamente o impacto da experiência da gravidez na formação e no desenvolvimento das adolescentes;
2. Interpretar a perspetiva avaliativa dos pais e encarregados de educação no respeitante à sua experiência familiar e educativa no acompanhamento de uma adolescente grávida;
3. Descrever e analisar as representações ou perceções dos professores, decorrente das suas práticas educativas e das suas relações interpessoais diretas com as adolescentes grávidas e os desafios que estas colocam ao processo de ensino-aprendizagem;
4. Identificar as consonâncias e dissonâncias das perceções e atitudes dos dois grupos em estudo

(Adolescentes, e professores) a fim de compreender a dinâmica comunicativa e emocional que os relaciona, promovendo ou obstaculizando o desenvolvimento das adolescentes grávidas.

A) Participantes.

De acordo com o problema da investigação, os objetivos a atingir, assim como o tempo e as condições disponíveis, opta-se por um estudo do tipo qualitativo, que se orienta para o registo, análise e interpretação qualitativa de fenómenos atuais, (Marconi e Lakatos, 2006, p. 19). Para este trabalho, optou-se pela investigação descritiva, que, segundo Viana (2001), consiste em procurar determinar a natureza e o grau de condições existentes entre os fenómenos que tem como único propósito descrever as condições existentes. O campo de ação da pesquisa é o processo de ensino-aprendizagem em contexto escolar. Entretanto, recorrer-se-á ao uso de entrevistas semi-estruturadas às adolescentes grávidas e aquelas já mães, sendo duas do período laboral, duas do período pós-laboral e duas que já abandonaram a escola, dois diretores de turma dos adolescentes mais velhos, um diretor de turma dos adolescentes mais novos e o diretor da escola, para objetivar informações que se pretende obter.

A caracterização profunda da amostra inclui 6 adolescentes (entre os 15 e os 17 anos de idade, estudantes da 7ª e a 9ª classe respetivamente), e 4 professores encontram-se nas tabelas seguintes:

TABELA I – Tabela sociodemográfico das adolescentes grávidas

Caracterização sócio demográfica das adolescentes grávidas, mães e aquelas que já abandonarem a escola.

Sujeitos (Código)	Idade	Habilitações Literárias	Reprovações	Turno	
A.G15.1	15	7ª classe	2	Pós-laboral	
A.G15.2	15	7ª classe	2	laboral	
A.G16.1	16	8ª classe	2	laboral	
A.G16.2	16	8ª classe	2	Abandonou escola	a
A.G17.1	17	9ª classe	1	Pós-laboral	
A.G17.2	17	9ª classe	2	Abandonou escola	a

Os professores (vide Tabela 2), igualmente divididos em dois géneros e diversas áreas científicas, demonstram uma longa experiência didática (entre 8 a 11 de serviço)

Tabela II – Dados sócio demográficos dos diretores de turma / diretor da escola

Caracterização socio-demográfica dos diretores de turma/ diretor da escola

Sujeitos (Código)	Sexo	Idade	Habilitações literárias	Função	Tempo de serviço.	de
Prof. DTN	M	36	Pós graduação	Prof. Língua portuguesa	11	
Prof DTV	M	40	licenciado	Prof. História	8	
Prof DTV	F	45	licenciada	Prof. Língua portuguesa	9	
DIR	M	32	mestrado	Diretor	10	

B) Instrumentos de recolha de dados

A recolha de dados visa obter através de análise dos dados e heteroperceções dos grupos envolvidos, uma visão dinâmica da construção dos significados que regulam as interações e consequentemente, o desenvolvimento sócio emocional e escolar das adolescentes ideográfica, centrada na compreensão e análise dos fenómenos-processos, dos significados subjetivos, dos discursos e verbalizações, dos contextos de vida (Bogdan&Biklen, 2013). Confere-se especial ênfase à construção ou organização de significados subjetivos através das narrativas pessoais ou “histórias/estórias de vida” (Jesus, 2010; McAdams, 1996, 2001). Assim, pretende-se apreender dimensões qualitativas da experiência, ligadas á subjetividade e à singularidade dos indivíduos, os aspetos não-quantificáveis do seu universo de significados, motivos, aspirações e atitudes, que corresponde a uma dimensão profunda das relações, dos processos e dos fenómenos que não pode ser reduzido à expressão numérica das variáveis (Minayo, 2008). Para a realização deste estudo, recorreu-se ao uso de entrevista semi - estruturada aplicada às adolescentes e professores para objetivar a informação que se pretende obter.

Para o presente estudo, enveredou-se pela metodologia qualitativa, fazendo uso da entrevista semi - estruturada. A entrevista é uma técnica que exige um relacionamento entre partes, entrevistado e entrevistador (Freixo, 2009, p. 191). É um método de recolha de informações que consiste em conversas orais, individuais ou de grupo com pessoas selecionadas, a fim de obter factos ou representações cujo grau de pertinência, validade e fiabilidade é analisado na perspetiva dos objetivos e recolha de informações (Ketele&Rogieres, 1999, p. 22). Portanto, o principal instrumento utilizado consistiu num guião de entrevista aplicado aos dois grupos, com adaptações específicas a cada um e realizado de modo a ter em consideração os objetivos da pesquisa. Descreve a “história de vida”, distinguindo diversos episódios significativos do passado, a antecipação do futuro e a “ideologia pessoal” (valores e ideais

definidores da identidade pessoal), traduzindo-se o instrumento, adaptando-se ao conteúdo próprio da “gravidez na adolescência” e incluindo-se diversas questões novas em função dos objetivos relacionados com a elucidação da experiência e das percepções e atitudes dos sujeitos.

C) Procedimentos

Nos procedimentos para a realização e aplicação dos instrumentos da pesquisa foi apresentada uma solicitação a direção da escola de Bom Bom elucidando os objetivos do estudo em causa, e pedindo autorização para se constatarem as adolescentes com vista à sua participação. A Direção assumiu que o primeiro contato com as adolescentes seria efetuado pelos diretores de turma. Assim se procedeu e os diretores de turmas da escola disponibilizaram para entrevistar as adolescentes e os professores, onde eram encaminhadas por eles.

As entrevistas foram transcritas *verbatim* na sua íntegra e realizada a leitura exaustiva e atenta das informações obtidas para se estabelecer classificações, agrupando os aspetos com relação entre si denominando-os de categorias. Estas foram obtidas de modo dedutivo, a partir da teoria da personalidade narrativa (Jesus, 2010, 2013; McAdams, 1996, 2001) e da revisão teórica sobre Psicologia da Adolescência, e de modo indutivo, a partir dos conteúdos mais recorrentes nos discursos dos entrevistados. A importância teórica da investigação consiste em aprofundar conhecimentos sobre o impacto da gravidez na adolescência e as repercussões no processo de ensino aprendizagem. A sua importância prática consiste em oferecer um conjunto de sugestões e estratégias psicopedagógicas, curriculares e organizacionais/institucionais, que poderão ajudar os adolescentes a compreenderem melhor a sua sexualidade e, mais especificamente, a sua experiência de gravidez, e ajudar os professores e pais ou encarregados de educação a lidarem com esta problemática de modo a compreenderem e motivarem as adolescentes grávidas na construção dos seus projetos académicos, vocacionais, familiares e profissionais.

D) Apresentação e discussão dos resultados

De acordo com o conteúdo das entrevistas, a análise foi efetuada na base de elaboração de categorias e subcategorias relativamente aos dados obtidos junto dos sujeitos entrevistados, seguindo um duplo movimento dedutivo (da teoria para os dados) e indutivo (dos discursos específicos para conceitos gerais) procurando-se sistematicamente uma classificação do material verbal que fosse “consensual” entre a investigador e a equipa de supervisão científica (Hill, 2012). Dado tratar-se de uma pesquisa

qualitativa onde os dados compreendem as verbalizações orais ou escritas dos sujeitos, considerámos que seria inapropriado dissociar a apresentação/análise dos resultados e a discussão. Pois, a sua apresentação/análise estrita reduzir-se-ia à exposição das categorias ilustradas com citações do material. Assim, a apresentação parece-nos exigir, de imediato, a sua análise interpretativa que, por sua vez, requer a mobilização dos conteúdos escritos que foram sistematizados na Revisão temática da literatura.

6.2 Análise e interpretação das entrevistas com as adolescentes

As categorias e subcategorias demonstraram consciente e consensuais na análise do material autodescritivo produzido pelas adolescentes, encontram-se na Tabela 3 que servirá de guião da apresentação e análise dos resultados.

Tabela III – Categorias e subcategorias das entrevistas com as adolescentes

Categorias	Subcategorias
A – Descrição da experiência da gravidez	A.1 – mudanças nas relações familiares e escolares
B - Acontecimentos marcantes	B.1 – tomada de decisões B.2 – fracasso B.3 – arrependimento
C – Projetos de vida	C.1 – reintegração no ensino C.2 – desenvolvimento e realização pessoal.

6.2.1 Descrição de experiência da gravidez: mudanças nas relações familiares e escolares

Nesta subcategoria, as opiniões das adolescentes referentes ao impacto (social, escolar e familiar) da experiência da gravidez na sua maioria foram unânimes em dizer que não estavam preparadas para engravidar agora uma vez que são muito novas e querem continuar os estudos.

Uma minoria afirmou estar feliz com a gravidez e outras demonstraram sentimento de culpa.

“Quando descobri que estava grávida houve muitos conflitos com meus pais, sentia-me muito mal com isso. Tive enjoos dores de barriga. Eu e o pai do bebê não vivemos juntos, os meus pais e alguns familiares mais próximos me deram muita força até a data do parto. Sentia-me envergonhada perante os meus colegas e professores na escola” (A.G. 15.1).

“Fiquei com muito medo quando soube que estava grávida. O pai do bebê reagiu muito bem e me apoiou e atualmente vivemos juntos. Houve muita crítica da parte das pessoas mais próximas, principalmente meus pais. Com a gravidez sinto-me mais responsável e na escola me sinto bem” (A.G.15.2).

“Senti-me feliz com a gravidez, ao mesmo tempo com medo porque a reação do pai do bebê foi péssima. Ele tem 34 anos, assim que soube da gravidez me abandonou porque não queria ter filho. Os meus pais me apoiaram em tudo. Na escola alguns colegas falavam mal de mim, mas os professores me aconselhavam para continuar os estudos. A gravidez não trouxe muita alteração no meu cotidiano porque é a minha mãe que cuida do meu filho. As minhas notas é que diminuíram bastante” (A.G.16.1).

“Após ter o conhecimento da gravidez a relação com o meu namorado melhorou bastante porque era o nosso primeiro filho e começamos a viver juntos. As pessoas mais próximas ao princípio ficaram desapontadas comigo. Entretanto, tive que abandonar a escola e mudar a minha rotina” (A.G.16.2)

“Fiquei muito triste com a descoberta da gravidez. O meu namorado disse que a gravidez não era sua e não quis assumir a paternidade. Os meus pais reagiram muito mal com a notícia uma vez que eu estava ainda a estudar e me obrigou a viver na casa da mãe do meu namorado. Perdi completamente a Minha mobilidade por causa da gravidez porque sentia muito mal e não podia jogar a bola que tanto gosto. E na escola sentia muita vergonha” (A.G.17.1).

“Fiquei desesperada quando soube que estava grávida porque já sabia que a minha vida ia mudar. O meu namorado ficou muito feliz em saber que ia ser pai e a nossa relação melhorou consideravelmente. Ele faleceu onze meses depois do nascimento do nosso filho. As pessoas mais próximas ficaram desapontadas com a minha gravidez porque ainda não tinha terminados os estudos. Os meus pais e familiares deixaram de falar comigo e senti obrigada a abandonar a escola por falta de apoio e vergonha” (A.G. 17.2).

Minha mobilidade por causa da gravidez porque sentia muito mal e não podia jogar a bola que tanto gosto. E na escola sentia muita vergonha” (A.G.17.1).

“Fiquei desesperada quando soube que estava grávida porque já sabia que a minha vida ia mudar. O meu namorado ficou muito feliz em saber que ia ser pai e a nossa relação melhorou consideravelmente. Ele faleceu onze meses depois do nascimento do nosso filho. As pessoas mais próximas ficaram desapontadas com a minha gravidez porque ainda não tinha terminados os estudos. Os meus pais e familiares deixaram de falar comigo e senti obrigada a abandonar a escola por falta de apoio e vergonha” (A.G. 17.2).

Dos depoimentos acima citados, podemos observar que a grande maioria das adolescentes não estavam preparadas para assumirem a gravidez muito menos nesta faixa etária e a fase da vida que se encontravam.

Demonstraram medo de enfrentar a gravidez perante a família, a sociedade e a escola. A gravidez não desejada na adolescência é perturbadora e assumida como um entrave no futuro das adolescentes. De um modo geral, quando as adolescentes percebem que estão grávidas, elas recorrem primeiro ao parceiro, depois aos pais e em seguida aos amigos, sendo que inicialmente a comunicação pode ser mais bem estabelecida com a mãe (Griffiths, 1994, p. 31).

Pode-se inferir que as adolescentes expressaram insatisfação de seguir com a gravidez, sentimentos de angústia, insegurança, medo de exclusão social, e baixa auto estima. E muitas no decorrer da entrevista demonstraram sentimento de tristeza, e a vulnerabilidade emocional que se encontram.

Tendo em conta o contexto ou ambiente, as experiências vividas, as orientações e o suporte emocional, a confiança em si e no mundo, a descoberta da sexualidade poderá ser boa e agradável, contribuindo assim para a aquisição da maturidade. Caso contrário, a sexualidade será associada a experiências frustrantes e desagradáveis, baixando completamente a autoestima e criando instabilidade psicológicas aos adolescentes.

Parece derivar, de uma maneira geral, do receio irracional de que a informação sexual possa encorajar a atividade sexual desregulada. Porém, sem informação, sem conhecimento e sem regulação emocional partilhada (através da análise esclarecida dos dilemas afetivos, amorosos e psicosexuais vividos pelos adolescentes), são os grupos de pares, influenciados pelo hedonismo da cultura juvenil internacional, que substituem os educadores. Através dos relatos dos intervenientes em causa (adolescentes, pais e professores), conclui-se que urge a necessidade de se envidar esforços conjuntos (sociedade, meios de comunicação, sistemas de ensino, falar de gravidez na adolescência é um desafio, por ser um tema pouco explorado e por constituir um problema social, não afetando somente as adolescentes envolvidas, mas também as famílias e a própria sociedade em geral. O objetivo da pesquisa foi essencialmente de índole qualitativa, visando obter, através da análise das auto- e hétero-percepções

das adolescentes grávidas, uma visão dinâmica das vivências e dos significados que regulam as interações entre estes “atores” e, especialmente, o desenvolvimento socio-emocional e escolar das adolescentes. As consonâncias e dissonâncias que emergem entre as percepções e atitudes dos três grupos de sujeitos revelam a complexidade socio-simbólica do fenômeno “gravidez na adolescência” e permitem-nos compreender a organização dos discursos e das práticas interativas. Porém, nesta fase de investigação, apresentam-se as conclusões dos resultados obtidos, abordam-se algumas dificuldades e limitações encontradas, e propõem-se novas linhas teóricas e metodológicas para futuras investigações. Nos seus depoimentos, muitas Em geral, as adolescentes identificaram a própria gravidez como sendo o momento negativo mais marcante da sua biografia, mostrando sofrimento pela “perda de liberdade”, “vergonha” de enfrentar pessoas, amigos e colegas, e conseqüente “evitamento” e “isolamento social”. Não obstante, uma minoria mostrou orgulho na experiência e no estatuto da maternidade, denotando autogratificação e compensação afetiva. Pode-se aferir que a grande maioria das adolescentes não estavam emocionalmente preparadas para assumirem a gravidez nesta faixa etária. Os relatos apontam expressões auto-avaliativas negativas. Somente uma minoria demonstrou “bem-estar subjetivo” e algumas revelaram sentimentos ambivalentes, incluindo ansiedade e medo de rejeição/exclusão sociofamiliar. Nas representações dos pais, verifica-se uma notável heterogeneidade de respostas que revelam diferentes reações emocionais (entre a tristeza e a “normalidade”), atitudes ambivalentes e diversos modos de “descoberta”, que se integram num processo de aceitação e de esforço de aproximação empática, orientados pela primazia dos “valores da família”. Os professores exprimem uma atitude de avaliação negativa mais consensual face à gravidez na adolescência e ao seu impacto desestabilizados do desenvolvimento em geral e das aprendizagens escolares, em particular. Apesar da recorrência dos “conselhos pedagógicos” para dissuadir o abandono escolar das adolescentes, os professores não se sentem verdadeiramente implicados na implementação de estratégias pedagógicas concretas de diferenciação/personalização para compensar e estimular as adolescentes grávidas. A grande maioria dos professores aponta os pais como culpados pela gravidez na adolescência, (i.e., falta de acompanhamento parental, devido à ausência por motivo de trabalho e à classe socioeconómica baixa). Um elemento notável reside na desresponsabilização da

Escola. Os professores não consideram a Escola responsável pelo comportamento dos adolescentes, desvalorizando o impacto estruturante da cultura escolar e dos currículos. Esta auto desresponsabilização justifica indiretamente a não-implementação de estratégias específicas na área da educação sexual e da educação compensatória. Em grande escala, os pais e/ou encarregados de educação assumem a responsabilidade pelas filhas estarem grávidas e apontam a falta de diálogo como fator preponderante. Mas uma minoria atribui essa responsabilidade ao pai da criança. Quanto ao impacto da vivência da gravidez, incluindo as suas percepções e avaliações dos aspetos emocionais, sociais e escolares, as adolescentes foram unânimes em afirmar que a gravidez não foi planificada, porque são

muito novas e querem prosseguir os estudos. A família, enquanto grupo fundamental de pertença, parece fornecer um suporte afetivo consistente, mas com alguma ambivalência, havendo uma certa impregnação de estereótipos negativos. Em geral, referem o facto de que o parceiro aceita assumir a gravidez e sentem-se felizes com o funcionamento familiar. Os pais participam e acompanham a gravidez, apesar das dificuldades socioeconómicas. Quanto à mudança para o turno da noite, as adolescentes manifestaram grande descontentamento: criticam a escola e os professores pela falta de atenção, destacam a dificuldade de estudar à noite devido à distância e à insegurança noturna. Em contraste com as adolescentes a maioria de encarregados de educação é favorável a essa medida, consignada no Regulamento, tal como os professores que focam o perigo de mau exemplo para as demais. Apenas uma minoria de pais e professores tem uma atitude crítica ou ambivalente.

Denota-se sentimentos diversos perante as adolescentes grávidas, aceitação e rejeição, tolerância e estigmatização, por parte dos diversos grupos sociais. Os professores são praticamente unânimes ao identificarem as atitudes negativas do meio social próximo das adolescentes grávidas, especialmente no grupo de pares e, no interior deste, destacam os rapazes como sendo os mais ofensivos e estigmatizadores. Esta descrição permite inferir um défice de empatia e compreensão no seio da comunidade escolar, pois os adolescentes tendem a exprimir estereótipos e expectativas sociais dominantes. No que respeita ao rendimento escolar, as adolescentes reconhecem uma alteração negativa: o declínio das notas e da motivação para o estudo. Foram unânimes em afirmar que estudar no turno da noite não é fácil, sentem-se mais cansadas e com os perigos constantes de terem que andar a pé grandes distâncias às escuras e expostas aos perigos e bandidos. A ansiedade ainda influencia indiretamente o rendimento escolar, por exemplo dificultando a atenção e concentração e a capacidade de memorização e evocação. Os professores foram unânimes em afirmar que as alunas apresentam baixo rendimento escolar, devido ao elevado número de faltas, à carência de disposição e motivação para assistirem às aulas, ao não cumprimento das tarefas estabelecidas. O cansaço, associado ao estado de gestação, e a inibição (vergonha, tristeza, isolamento) provocada pela perceção de desajustamento face às expectativas da instituição escolar desencadeiam uma atitude de desfiliação e de desvinculação. No entanto, todas as adolescentes têm perspectivas ambiciosas quanto à sua carreira futura, não inibiram as suas expectativas de carreira, apesar das mensagens sociais estigmatizantes. Todas referiram querer prosseguir os estudos para o nível superior. O modo como os pais projetam o futuro das suas filhas demonstra igualmente uma total libertação da estigmatização social negativa, porque os “futuros” representados como possíveis pressupõem a continuação e conclusão dos estudos ao nível médio e superior, para poderem pertencer com segurança à classe média. Elas têm um projeto de vida que engloba como fator primordial a construção de uma família. De forma muito saliente, os pais revelam aqui a sua incapacidade de representar com clareza o “projeto de vida” das suas adolescentes. Embora quase todos os pais afirmem que as suas filhas têm projetos e sonhos para a vida adulta, apenas dois

pais mencionam profissões específicas. O apoio familiar é crucial para que as adolescentes alcancem um futuro promissor, segundo a maioria dos professores. Os professores dividem-se completamente na sua identificação e avaliação dos “projetos de vida”, inferindo-se que acreditam que o prognóstico para o futuro das adolescentes grávidas é negativo. Assim, denota-se uma excessiva responsabilização das adolescentes pelos seus comportamentos sexuais e académicos, proporcional à excessiva desresponsabilização da sociedade em geral e do sistema escolar em particular. Neste quadro, as adolescentes revelam uma notável resiliência, que as projeta para uma representação positiva do futuro, apesar do pessimismo dos professores. A gravidez na adolescência é um grande desafio para as famílias, para as escolas e para os próprios adolescentes cujo desenvolvimento psicossocial e afetivo permanece grandemente à margem dos “diálogos familiares” e dos “currículos escolares”. Deste modo, podemos considerar que se trata de um “desafio” que carece da devida abordagem colaborativa e aprofundada. Da parte das adolescentes, é muito sintomático que a gravidez seja identificada como a experiência de “maior arrependimento ou fracasso”, decorrente do juízo negativo dos “outros” e da vivência da pré-maternidade, envolvendo tarefas demasiado complexas e exigentes para o seu estágio de desenvolvimento. Os professores estão imbuídos de um prognóstico negativo e antecipam absentismo e reprovações. No currículo escolar, existe a disciplina de Educação Moral e Cívica, que aborda assuntos relacionados com a sexualidade. Mas os preconceitos, a atitude de tabu e a falta de aprofundamento dos assuntos impedem uma experiência formativa eficaz que promova, para além do conhecimento, a reflexividade e a responsabilidade psicossocial.

A verdadeira “Educação Sexual” encontra-se ausente nas escolas, pois as questões geram tanto conflito ideológico e tanta insegurança pedagógica que as famílias e as escolas se furtam à responsabilidade educativa ou proporcionam às crianças e adolescentes informações breves e totalmente desadequadas ou meras moralizações inconsistentes. A insegurança dos educadores (família, campanhas de prevenção do governo), oferecendo apoio, condições e conhecimentos adequados para que se reduzam os comportamentos sexuais de risco e a incidência da gravidez na adolescência. Assim, poder-se-á construir uma nova geração com uma melhor qualidade de vida, atitudes e comportamentos equilibrados, sem que se coloque em causa os sonhos e projetos de vida. Procedendo a uma auto avaliação do processo de investigação, queremos registar algumas limitações do enquadramento teórico e metodológico e, por conseguinte, identificar e formular algumas possibilidades de melhoria futura. Do ponto de vista teórico, reconhecemos que seria muito pertinente aplicar uma leitura/interpretação ecológica e sistémica (inspirada no modelo de U. Bronfenbrenner) e cultural/intercultural (comparando o efeito de pertença a instituições escolares com diferentes “culturas” ou comparando os percursos de desenvolvimento/aprendizagem de adolescentes grávidas em países diferentes, por exemplo Angola, Portugal e Brasil). Um constructo teórico que permitiria compreender melhor as ecologias de desenvolvimento e suas implicações diferenciais seria, sem dúvida, a resiliência e a vulnerabilidade das

adolescentes no seu processo de adaptação à gravidez, analisando profundamente os recursos do seu meio familiar, escolar e social, que funcionam como fatores protetores e fatores de risco. Do ponto de vista metodológico, reconhecemos que permitiria um incremento de rigor interpretativo a utilização futura de um “*designmista*” com métodos qualitativos e quantitativos, integrando, por exemplo, os dados obtidos nas descrições autonarrativas com os dados obtidos em escalas fiáveis para a resiliência. Concluímos também que o estudo rigoroso do impacto da gravidez no desenvolvimento socioemocional e académico das adolescentes exigiria proceder-se a um acompanhamento ou *follow-up* longitudinal das adolescentes para podermos avaliar o seu processo de desenvolvimento, aprendizagem e adaptação ao longo do tempo, especialmente entre o período pré- e pós maternidade. Com o conhecimento obtido sobre as dissonâncias de perceções e atitudes entre adolescentes, e professores, seria ainda desejável adotar, futuramente, um modelo de investigação para podermos implementar e avaliar um projeto de intervenção psicopedagógica envolvendo (adolescentes e professores). A investigação focalizou-se no âmbito das adolescentes grávidas, mas parece-nos agora que a omissão dos seus “parceiros sexuais” (os adolescentes pais) e suas famílias constituiu uma redução da complexidade do fenómeno, porque uma gravidez pressupõe uma experiência que articula os dois géneros progenitores e relaciona as duas famílias. Acreditamos e esperamos que o conhecimento construído neste projeto de investigação será um contributo para uma melhor compreensão das adolescentes grávidas e para uma melhor intervenção psicopedagógica, nas famílias e nas escolas.

6.2.2. Acontecimentos marcantes:

- ✓ Tomada de decisões
- ✓ Fracasso
- ✓ Arrependimento

Das seis participantes presentes neste estudo, todas descrevem acontecimento marcante como sendo o momento em que descobriram que estavam grávidas, em que houve tomada de decisões, fracasso e arrependimento:

Quando o meu namorado soube que eu estava grávida, houve muitos conflitos.... Fiquei muito envergonhada. (AG.15.1)

Muita critica por parte dos meus pais ... anteriormente dependia dos meus pais, agora sou responsável por uma criança. (AG.15.2).

Ele me abandonou porque fiquei grávida ... tive dificuldades para estudar e as minhas notas diminuíram. (AG.16.1).

Tive que desistir das aulas, mudar alguns hábitos... já não frequento as aulas. (AG.16.2)

O pai do bebe disse que a gravidez não era dele ...não queria assumir a gravidez no princípio, senti muita vergonha. (AG.17.1).

Fiquei desesperada porque sabia que a minha vida iria mudar...os meus pais deixaram de falar comigo e tive que abandonar a escola. (AG.17.2).

6.2.3 Projetos de vida

- ✓ Reintegração na educação
- ✓ Desenvolvimento e realização pessoal
- ✓ Continuar os estudos de forma a ter uma vida condigna...quero ser enfermeira. (AG.15.1)

Quero ter a minha autonomia financeira, não depender de ninguém, continuar os meus estudos com zelo e me formar. (AG.15.2).

O estudo é que vai me ajudar a ter um bom emprego. Irei ser enfermeira e aconselhar muitas adolescentes a não engravidar cedo. (AG.16.1).

Pretendo retomar meus estudos de forma a melhorar minha vida, ser uma mulher formada e construir uma casa para dar melhores condições ao meu bebé. (AG.16.2).

Pretendemos estudar, para juntos construirmos a nossa família. Com um diploma terei um emprego. (AG.17.1).

Dando continuidade aos estudos poderei ter um futuro melhor. Só tenho projeto para mim e a minha filha porque o meu namorado faleceu. (AG.17.2).

Como se pode constatar todas elas têm um projeto de vida que se resume na continuidade dos estudos para terem uma formação, a assim trabalhar e realizarem-se profissionalmente. No entanto, algumas adolescentes "no projeto de vida" demonstraram maturidade vocacional.

Contudo, não obstante, as adolescentes se identificarem com as expectativas sociais e as assimilem como validas e realizáveis revela uma notável resiliência, que pode ser potenciada pela experiência da gravidez. “A gravidez pode constituir-se um fator motivador ao nível da construção de futuros projetos profissionais, para determinadas adolescentes.” (Correia, 2010). Por outro lado, para algumas adolescentes, a gravidez, pode reduzir o investimento em futuros projetos profissionais (Mendes, 2006).

6.3. Análise e interpretação das entrevistas com os professores

Em conformidade com o conteúdo das entrevistas escritas, a análise será mais uma vez efetuada na base de elaboração de categorias e subcategorias em relação aos dados obtidos pelos entrevistados.

Tabela IV - Categoria e subcategorias das entrevistas com os professores.

Categorias	Subcategorias
A–História de vida	A.1 –reconhecimento profissional
	A.2 –mudança no exercício da função
B – Mudanças no processo educativo e a	B.1 –medidas tomadas pela direção da escola
gravidez adolescente	B.2 – educação sexual
	B.3 –atribuição de responsabilidade pela
	gravidez
	B.4 – rendimento escolar
	B.5 – Projeto do futuro das adolescentes.
	Aconselhamentos

6.3.1 –Histórias de vida:

A.1 – reconhecimento profissional A.2

– mudança no exercício da função

“No final do ano letivo transato em que 85% dos meus alunos aprovaram...saber que os alunos gostariam de continuar comigo no ano letivo seguinte” (D.T.V1).

“Uma carta de agradecimento entregue por uma aluna no término do ano letivo...a mudança no exercício da função foi a forma de relacionar com os alunos” (D.T.N).

“Quando recebi uma carta de agradecimento por escrito elogiando o meu trabalho...” (D.T.V2).

“Foi quando num inquérito, fui considerado o melhor professor de português” E os meus alunos

passaram a ter melhores resultados” (DIR).

Relativamente ao reconhecimento profissional, todos os professores parecem gostar da profissão que exercem, dando o seu melhor com objetivo de serem reconhecidos.

6.3.2 –Mudanças no processo educativo face a gravidez adolescente:

B.1 – Medidas tomadas pela direção da escola

B.2 – Educação sexual como currículo

B.3 – Atribuição da responsabilidade pela gravidez

B.4 – Rendimento escolar

B.5 – Projeto do futuro das adolescentes. Aconselhamentos

6.4–Medidas as tomadas pela direção da escola

“Quando deparei com uma aluna grávida, fiquei completamente constrangido, pois é muito triste esta situação.... quase nada se faz, no país não há nada de sensibilização. As mesmas são transferidas para o curso noturno” (D.T.V1)

“Fiquei dececionado ao deparar com uma aluna grávida. Quando surgem casos de gravidez na escola a direção juntamente com os professores tem motivado as mesmas para continuar os estudos, mas são transferidas para o curso noturno” (D.T.V2).

“Simplesmente fiquei dececionado quando vi uma aluna grávida.... Nesses casos a medida tomada pela direção da escola é convidar a adolescente a abandonar o sistema no período da manhã. São transferidas automaticamente para o curso noturno” (D.T.N). “Fiquei triste e ao mesmo tempo com muita penas delas” (DIR)

Os professores entrevistados são unânimes ao declararem que a medida tomada pela direção da escola face a gravidez resulta na transferência das adolescentes grávidas para o curso noturno.

O regulamento que prevê esta medida, exprime, contudo, um juízo moral negativo face as adolescentes grávidas atribuindo-as a culpabilidade. A instituição escolar adota uma atitude mais moralizadora do

que pedagógica, deste modo, acabando por ser uma medida discriminatória, dado o receio de contágio da gravidez entre a classe adolescente.

Este receio manifesta também a dificuldade sentida pela escola para implementar estratégias pedagógicas verdadeiramente inclusivas e promotoras do desenvolvimento integral de todos os estudantes, como se torna evidente na dificuldade de integração da educação sexual no currículo.

6.4.1 - Educação sexual como currículo

“Não existe disciplina de educação sexual no currículo”. (DTV1)

“Não existe esta disciplina no currículo”. (DTV2)

“Sim. Educação para saúde”. (DTN)

“Sim. Educação para saúde”. (DIR)

A educação sexual ainda continuar a ser um tabu em muitos países, principalmente países africanos. O tabu está ligado ao desconhecimento e a falta de informação, em que de uma forma em geral os adultos receiam que a informação sobre a sexualidade possa fomentar a prática sexual. Isto é, acham que o sexo não é algo correto, e que quanto menos falarem deste assunto os adolescentes não terão curiosidade em o praticar. (SprinthallCollins, 2011, p. 436).

Os professores necessitam de adquirir competências, e conhecimentos para orientarem as adolescentes grávidas, e prevenir as demais de modo a evitarem a gravidez na adolescência.

6.4.2 –Atribuição da responsabilidade pela gravidez

“Governo. Porque não há medidas corretivas para o efeito” (DTV1)

“Os pais. Isto porque muitas vezes não têm conversas abertas com as adolescentes em casa.” (DTV2)

“Família. Porque nem sempre chegam a transmitir os verdadeiros valores aos seus filhos” (DTN)

“Todos nós. A sociedade, a escola, os pais e as próprias adolescentes. Devido a falta de informação. (DIR).

As opiniões se diferenciam. No entanto, na sua maioria os professores apontam, os pais, a família como responsáveis pela gravidez na adolescência, apontando a falta de acompanhamento parental, desresponsabilizando assim a escola.

Esta desresponsabilização justifica indiretamente a falta de políticas implementadas no currículo relativo a educação sexual. Pois, é como se a sexualidade pertencesse a esfera privada para os professores.

6.4.3 – O rendimento escolar das adolescentes grávidas

Negativo. (DTV1)

Razoável. (DTV2)

Baixo. (DTN)

“Umam esforçam-se para alcançarem bons resultados e outras por razões económicas e familiares os resultados ficam a quem da expectativa” (DIR).

Na entrevista os professores foram unânimes em afirmar que as adolescentes apresentam um fraco rendimento escolar.

Muitos autores apresentam várias interpretações para o insucesso escolar, de acordo ao momento. Há interpretações psicanalíticas, cognitivas, psicossociais, neurobiológicas, etc. Levine e Vemeil (1980) aconselham evitar –se qualquer maniqueísmo de “**tudo-bem**” ou “**tudo - mal**”, sendo de preferir uma análise plurifatorial a uma manifestação monofatorial do fenómeno. Para estes autores as causas do insucesso das adolescentes grávidas distribuem-se entre variáveis escolares e extra-escolares (pp. 1952). Do ponto de vista de Caglar (1983), a investigação não se tem aprofundado suficientemente sobre a personalidade do aluno ou mesmo dos professores e pais. Preocupa-se muito mais com as condições ambientais que também é importante, mas que não devem prevalecer sobre cada uma das anteriores em si e em interação. Le Gall (1980, P. 16) distingue entre fontes “impessoais” de insucesso (sociais e escolares), e “pessoais”, centradas no aluno. (cit.In Oliveira, 2007, p. 224).

6.4.4 –Projeto do futuro das adolescentes. Aconselhamentos

“Comprometedor de uma forma geral. Os pais dificilmente encontram uma saída plausível. (DTV1).

Aconselhando enquanto grávidas adolescentes devem evitar serem reincidentes”.

“Depende muito do apoio familiar que tiverem. (DTV2). Aconselhando que uma gravidez na adolescência poderá mudar por completo os seus planos”.

“Depende muito do apoio familiar que tiverem. (DTN). Aconselhando-as a não ficarem limitadas ao papel de mãe enquanto adolescentes”.

“Sem grandes expectativas, dependendo muito do apoio familiar que tiverem. Que elas não se limitam apenas ao papel de mães, e que apostem na formação” (DIR).

No geral, os professores acreditam que a possibilidade para o futuro das adolescentes grávidas é praticamente negativa. Constata-se que os professores interpretam que para as adolescentes grávidas terem um bom futuro ou realizarem os seus projetos de vida, dependem muito dos terceiros. As expectativas dos professores são predominantemente negativas, que tende a desencadear um efeito Pigmalião (Barros Oliveira, 2007) com perfil negativo decorrente da sua percepção de inevitabilidade e de impotência para promover o desenvolvimento das adolescentes grávidas, justificando também o baixo grau de diferenciação do seu envolvimento pedagógico com essas estudantes.

Conclusões:

Falar de gravidez na adolescência é um desafio, por ser um tema pouco explorado e por constituir um problema social, não afetando somente as adolescentes envolvidas, mas também as famílias e a própria sociedade em geral. O objetivo deste estudo foi essencialmente de índole qualitativa, visando obter, através da análise das auto- e hétero-percepções das adolescentes grávidas, uma visão dinâmica das vivências e dos significados que regulam as interações entre estes “atores” e, especialmente, o desenvolvimento socio-emocional e escolar das adolescentes. As consonâncias e dissonâncias que emergem entre as percepções e atitudes dos dois grupos de sujeitos que revelam a complexidade sócio-simbólica do fenómeno “gravidez na adolescência” e permitem-nos compreender a organização dos discursos e das práticas interativas. Porém, nesta fase de investigação, apresentam-se as conclusões dos resultados obtidos, abordam-se algumas dificuldades e limitações encontradas, e propõem-se novas linhas teóricas e metodológicas para futuras investigações. Nos seus depoimentos, muitas em geral, as adolescentes identificaram a própria gravidez como sendo o momento negativo mais marcante da sua biografia, mostrando sofrimento pela “perda de liberdade”, “vergonha” de enfrentar pessoas, amigos e colegas, e conseqüente “evitando o isolamento social”. Não obstante, uma minoria mostrou orgulho na experiência e no estatuto da maternidade, denotando autogratisação e compensação afetiva. Pode-se aferir que a grande maioria das adolescentes não estavam emocionalmente preparadas para assumirem a gravidez nesta faixa etária. Os relatos apontam expressões auto-avaliativas negativas. Somente uma

minoria demonstrou “bem-estar subjetivo” e algumas revelaram sentimentos ambivalentes, incluindo ansiedade e medo de rejeição/exclusão sociofamiliar. Os professores exprimem uma atitude de avaliação negativa mais consensual face à gravidez na adolescência e ao seu impacto desestabilizados do desenvolvimento em geral e das aprendizagens escolares, em particular. Apesar da recorrência dos “conselhos pedagógicos” para dissuadir o abandono escolar das adolescentes, os professores não se sentem verdadeiramente implicados na implementação de estratégias pedagógicas concretas de diferenciação/personalização para compensar e estimular as adolescentes grávidas. A grande maioria dos professores aponta os pais / família como culpados pela gravidez na adolescência, (i.e., falta de acompanhamento parental, devido à ausência por motivo de trabalho e à classe socioeconómica baixa). Um elemento notável reside na desresponsabilização da Escola. Os professores não consideram a Escola responsável pelo comportamento dos adolescentes, desvalorizando o impacto estruturante da cultura escolar e dos currículos. Esta autodesresponsabilização justifica indiretamente a não-implementação de estratégias específicas na área da educação sexual e da educação compensatória. Em grande escala, os pais e/ou encarregados de educação assumem a responsabilidade pelas filhas estarem grávidas e apontam a falta de diálogo como fator preponderante. Quanto ao impacto da vivência da gravidez, incluindo as suas perceções e avaliações dos aspetos emocionais, sociais e escolares, as adolescentes foram unânimes em afirmar que a gravidez não foi planificada, porque são muito novas e querem prosseguir os estudos. A família, enquanto grupo fundamental de pertença, parece fornecer um suporte afetivo consistente, mas com alguma ambivalência, havendo uma certa impregnação de estereótipos negativos. Em geral, referem o facto de que o parceiro aceita assumir a gravidez e sentem-se felizes com o funcionamento familiar. Quanto à mudança para o turno da noite, as adolescentes manifestaram grande descontentamento: criticam a escola e os professores pela falta de atenção, destacam a dificuldade de estudar à noite devido à distância e à insegurança noturna. Em contraste com as adolescentes a maioria de encarregados de educação é favorável a essa medida, consignada no Regulamento, tal como os professores que focam o perigo de mau exemplo para as demais. Apenas uma minoria de pais e professores tem uma atitude crítica ou ambivalente.

Denota-se sentimentos diversos perante as adolescentes grávidas, aceitação e rejeição, tolerância e estigmatização, por parte dos diversos grupos sociais. Os professores são praticamente unânimes ao identificarem as atitudes negativas do meio social próximo das adolescentes grávidas, especialmente no grupo de pares e, no interior deste, destacam os rapazes como sendo os mais ofensivos e estigmatizadores. Esta descrição permite inferir um défice de empatia e compreensão no seio da comunidade escolar, pois os adolescentes tendem a exprimir estereótipos e expectativas sociais dominantes. No que respeita ao rendimento escolar, as adolescentes reconhecem uma alteração negativa: o declínio das notas e da motivação para o estudo. Foram unânimes em afirmar que estudar no turno da noite não é fácil, sentem-se mais cansadas e com os perigos constantes de terem que andar a pé grandes distâncias às escuras e expostas aos perigos e bandidos. A ansiedade ainda influencia

indiretamente o rendimento escolar, por exemplo dificultando a atenção e concentração e a capacidade de memorização e evocação. Os professores foram unânimes em afirmar que as alunas apresentam baixo rendimento escolar, devido ao elevado número de faltas, à carência de disposição e motivação para assistirem às aulas, ao não cumprimento das tarefas estabelecidas. O cansaço, associado ao estado de gestação, e a inibição (vergonha, tristeza, isolamento) provocada pela percepção de desajustamento face às expectativas da instituição escolar desencadeiam uma atitude de desfiliação e de desvinculação. No entanto, todas as adolescentes têm perspectivas ambiciosas quanto à sua carreira futura, não inibiram as suas expectativas de carreira, apesar das mensagens sociais estigmatizantes. Todas referiram querer prosseguir os estudos para o nível superior. O modo como os pais projetam o futuro das suas filhas demonstra igualmente uma total libertação da estigmatização social negativa, porque os “futuros” representados como possíveis pressupõem a continuação e conclusão dos estudos ao nível médio e superior, para poderem pertencer com segurança à classe média. Elas têm um projeto de vida que engloba como fator primordial a construção de uma família. De forma muito saliente, os pais revelam aqui a sua incapacidade de representar com clareza o “projeto de vida” das suas adolescentes. Embora quase todos os pais afirmem que as suas filhas têm projetos e sonhos para a vida adulta, apenas dois pais mencionam profissões específicas. O apoio familiar é crucial para que as adolescentes alcancem um futuro promissor, segundo a maioria dos professores. Os professores dividem-se completamente na sua identificação e avaliação dos “projetos de vida”, inferindo-se que acreditam que o prognóstico para o futuro das adolescentes grávidas é negativo. Assim, denota-se uma excessiva responsabilização das adolescentes pelos seus comportamentos sexuais e académicos, proporcional à excessiva desresponsabilização da sociedade em geral e do sistema escolar em particular. Neste quadro, as adolescentes revelam uma notável resiliência, que as projeta para uma representação positiva do futuro, apesar do pessimismo dos professores. A gravidez na adolescência é um grande desafio para as famílias, para as escolas e para os próprios adolescentes cujo desenvolvimento psicossocial e afetivo permanece grandemente à margem dos “diálogos familiares” e dos “currículos escolares”. Deste modo, podemos considerar que se trata de um “desafio” que carece da devida abordagem colaborativa e aprofundada. Da parte das adolescentes, é muito sintomático que a gravidez seja identificada como a experiência de “maior arrependimento ou fracasso”, decorrente do juízo negativo dos “outros” e da vivência da pré-maternidade, envolvendo tarefas demasiado complexas e exigentes para o seu estágio de desenvolvimento.

Os professores estão imbuídos de um prognóstico negativo e antecipam absentismo e reprovações. No currículo escolar, existe a disciplina de Educação Moral e Cívica, que aborda assuntos relacionados com a sexualidade. Mas os preconceitos, a atitude de tabu e a falta de aprofundamento dos assuntos impedem uma experiência formativa eficaz que promova, para além do conhecimento, a reflexividade e a responsabilidade psicossocial.

A verdadeira “Educação Sexual” encontra-se ausente nas escolas, pois as questões geram tanto conflito ideológico e tanta insegurança pedagógica que as famílias e as escolas se furtam à responsabilidade educativa ou proporcionam às crianças e adolescentes informações breves e totalmente desadequadas ou meras moralizações inconsistentes. A insegurança dos educadores parece derivar, de uma maneira geral, do receio irracional de que a informação sexual possa encorajar a atividade sexual desregulada. Porém, sem informação, sem conhecimento e sem regulação emocional partilhada (através da análise esclarecida dos dilemas afetivos, amorosos e psicosexuais vividos pelos adolescentes), são os grupos de pares, influenciados pelo hedonismo da cultura juvenil internacional, que substituem os educadores. Através dos relatos dos intervenientes em causa (adolescentes, pais e professores), conclui-se que urge a necessidade de se envidar esforços conjuntos (sociedade, meios de comunicação, sistemas de ensino, família, campanhas de prevenção do governo), oferecendo apoio, condições e conhecimentos adequados para que se reduzam os comportamentos sexuais de risco e a incidência da gravidez na adolescência. Assim, poder-se-á construir uma nova geração com uma melhor qualidade de vida, atitudes e comportamentos equilibrados, sem que se coloque em causa os sonhos e projetos de vida. Procedendo a uma auto avaliação do processo de investigação, queremos registar algumas limitações do enquadramento teórico e metodológico e, por conseguinte, identificar e formular algumas possibilidades de melhoria futura. Do ponto de vista teórico, reconhecemos que seria muito pertinente aplicar uma leitura/interpretação ecológica e sistémica (inspirada no modelo de U. Bronfenbrenner) e cultural/intercultural (comparando o efeito de pertença a instituições escolares com diferentes “culturas” ou comparando os percursos de desenvolvimento/aprendizagem de adolescentes grávidas em países diferentes, por exemplo Angola, Portugal e Brasil). Um constructo teórico que permitiria compreender melhor as ecologias de desenvolvimento e suas implicações diferenciais seria, sem dúvida, a resiliência e a vulnerabilidade das adolescentes no seu processo de adaptação à gravidez, analisando aprofundadamente os recursos do seu meio familiar, escolar e social, que funcionam como fatores protetores e fatores de risco. Do ponto de vista metodológico, reconhecemos que permitiria um incremento de rigor interpretativo a utilização futura de um “*designmista*” com métodos qualitativos e quantitativos, integrando, por exemplo, os dados obtidos nas descrições autonarrativas com os dados obtidos em escalas fiáveis para a resiliência. Concluimos também que o estudo rigoroso do impacto da gravidez no desenvolvimento socioemocional e académico das adolescentes exigiria proceder-se a um acompanhamento ou *follow-up* longitudinal das adolescentes para podermos avaliar o seu processo de desenvolvimento, aprendizagem e adaptação ao longo do tempo, especialmente entre o período pré- e pós maternidade.

Muito pode ser feito para reduzir os efeitos sociais, económicos de uma adolescente grávida, assegurando que as oportunidades de educação, emprego, condições de vida e participação nos assuntos de suas comunidades não sejam perdidas, tanto para adolescentes casadas como solteiras. Garantir o

acesso aos serviços para adolescentes grávidas ou novas mães muitas vezes significa prover apoio financeiro para os cuidados de saúde e nutricionais, orientação sobre amamentação, ajuda para retornar à escola ou capacitação profissional, abrigo e serviços se forem rejeitadas por suas famílias, informações e serviços contraceptivos ou sobre espaçamento dos nascimentos. Fatores críticos para melhorar a saúde materna das adolescentes incluem o acesso e a utilização de cuidados pré-natais para identificar e tratar problemas de saúde subjacentes, como a malária, HIV ou anemia, cuidados obstétricos para garantir o parto seguro das jovens mães e seus bebês, tratamento de complicações do aborto inseguro, cuidados pós-parto, atendimento ao recém-nascido, e a oferta de métodos contraceptivos para permitir o espaçamento dos nascimentos (Advocates for Youth, 2007). Mas, para milhões de adolescentes ao redor do mundo, o acesso aos serviços é limitado por uma série de fatores econômicos, sociais e geográficos, bem como a disponibilidade. A autonomia pessoal, ou falta dela, é um fator determinante do acesso e da utilização. Este obstáculo é particularmente difícil para as meninas que estão casadas e têm pouca influência nas decisões sobre sua própria saúde e pouco ou nenhum acesso ao dinheiro necessário para pagar pelo transporte até uma clínica ou pelo atendimento (Organização Mundial da Saúde, 2007). As meninas também podem não procurar atendimento se acreditarem que os prestadores de serviços serão críticos ou se recusarão a atendê-las. Em geral, as adolescentes procuram atendimento tarde demais e recebem menos atenção. As meninas grávidas muitas vezes não têm conhecimento sobre quais serviços estão disponíveis, quando buscar atendimento ou como encontrá-lo na hora certa. Aquelas que não recebem cuidados pré-natais são menos propensas a se preparem para uma emergência antes, durante ou após o parto. As meninas em áreas rurais podem estar a vários quilômetros a pé do serviço de saúde mais próximo (Organização Mundial de Saúde e UNFPA, 2006). Elas podem estar ainda mais longe de um centro que possa oferecer cuidados obstétricos de emergência. Quanto mais tempo as meninas ficam fora da escola, menos provável é o seu retorno. Para permitir que as adolescentes grávidas ou mães recentes permaneçam ou retornem para a escola, são necessárias políticas escolares nacionais e locais que as apoiem. Mas, mesmo com políticas de apoio, muitas não conseguem retomar sua educação.

Recomendações ou sugestões

Investir em adolescentes grávidas ou que têm filhos:

- ✓ Empoderar as meninas, isto é fortalecer a capacidade de ação das mesmas, permitindo-lhe tomar decisões na vida.

- ✓ Corrigir desigualdade de gênero, colocando meninas e meninos em pé de igualdade.

- ✓ Respeitar os direitos humanos de todas as pessoas, assegurando os direitos que podem eliminar as condições que contribuem para a gravidez na adolescência.
- ✓ Capacitar os professores e os líderes de pequenas comunidades na área de saúde reprodutiva com o objetivo de combater o alto nível da taxa de gravidez adolescente que afeta as escolas em STP.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Doutrinas:

- Damiani, F. E. (2003). Gravidez na adolescência: a quem cabe educar? *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 24(2), 161-168
- Dias, C. A. (1998). *Para uma psicanálise na relação*. Porto: Afrontamento
- Dissertação não publicada, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, Brasil.
- Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF (2002). *A voz dos adolescentes*. Genebra: UNICEF
- Jesus, P. (2010). Processos de análise narrativa: Desenvolvimento e personalidade como ser-em-estórias. In C. Nogueira, I. Silva, L. Lima, A. T. Almeida, R. Cabecinhas, R. Gomes, C. Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2006). *Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas.
- Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2005). *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas.
- Marconi, M., & Lakatos, E. M. (2002). *Técnicas de pesquisa*. S. Paulo: Atlas. Marcelli, D., & Braconnier, A. (2005). *Adolescência e Psicopatologia*. Lisboa: Climepsi.
- McAdams, D. P. (1996). *The stories we live by: Personal myths and the making of the self*. New York: Guilford.
- McAdams, D. P. (2001). The psychology of life stories. *Review of General Psychology*, 5(2), 100-122.
- Machado, A. Maia, A. Sampaio & M.C. Taveira (Eds.), *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia* (pp. 1724-1738). Braga: Escola de Psicologia, Universidade do Minho.
- Menezes, M. A. (2010). *Reflexões sobre Educação*. Luanda: Mayamba Editora.
- Miguel, N. S. (1990). *Os Jovens e a sexualidade*. Lisboa: Instituto da Juventude de Lisboa.
- Nunes, C. S. E. (2000). *A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade*. Campinas: Autores Associados.
- Perrenoud, P. (2001). *Ensinar: Agir na urgência, decidir na incerteza*. Porto Alegre: Editora Artmed.

Rodrigues, R. M. (2010). Gravidez na Adolescência. *Nascer e Crescer*, 19(3), 201.

Sakamoto, D. L. (2001). *Gravidez na Adolescência: Análise da reincidência*.

Sanches, I. R. (2001). *Comportamentos e Estratégias de atuação na sala de aula*.

Porto: Porto Editora.

Santos, B. R. A (2007). *Comunidade Escolar e Inclusão*. Lisboa: Instituto Piaget.

Internet:

<http://www.scielo.org.co/scielo.php?>

[pid=S221609732013000100014&script=sci_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S221609732013000100014&script=sci_abstract&tlng=pt)). Coslin, 2002, pp. 82-83).

<http://www.actassnip2010.com><https://>

[www.sesp.northwestern.](http://www.sesp.northwestern.edu/docs/publications/430816076490a3ddfc3fe1.pdf)

[edu/docs/publications/430816076490a3ddfc3fe1.pdf](http://www.sesp.northwestern.edu/docs/publications/430816076490a3ddfc3fe1.pdf)

Azevedo, M. (1994).

ANEXOS:

ANEXO I: Pedido de autorização ao Diretor da Escola Januário José da Costa em Bom Bom.

Exmo. Senhor

Diretor da Escola Januário José da Costa em Bom Bom

Assunto: pedido de autorização para recolha de dados no âmbito do Mestrado em Ciências de Educação, Administração, Regulação e Políticas Educativas.

Sou Dora Quaresma, mestranda do 2º ano em Ciências de Educação, Administração, Regulação e Políticas Educativas pela Universidade de Évora, venho por este meio solicitar a Vossa Excelência autorização para proceder á recolha de dados no seu estabelecimento de ensino, no âmbito da pesquisa de dissertação sobre o tema “*A gravidez na adolescência e o insucesso escolar*”.

Esta pesquisa visa compreender como as adolescentes grávidas vivenciam esse percurso da sua vida, e a influência da gravidez no processo de ensino aprendizagem.

Concretamente a recolha de dados será feito através de entrevistas semi-estruturadas, envolvendo adolescentes grávidas e aquelas que já são mães, sendo duas do período laboral, duas do período pós-laboral, duas que já abandonaram a escola, dois diretores de turma dos adolescentes mais novos, um diretor de turma dos adolescentes mais velhos, e o diretor da escola, para objetivar informações que se pretende obter.

Em anexo, envio exemplares de instrumentos de recolha de dados.

Ciente de que a pretensão receberá acolhimento favorável da Vossa parte, queira receber os sinceros agradecimentos.

Portugal, 13 de Maio de 2019.

Atentamente;

Dora Barreto Quaresma.

ANEXO II: Consentimento informado

Consentimento informado

Declaro que compreendo o tema e os objetivos desta pesquisa, na qual visa compreender como as adolescentes grávidas vivenciam esse percurso da sua vida, e a influência da gravidez no processo de ensino aprendizagem. Participo voluntariamente e autorizo a gravação áudio da entrevista, estritamente para dos dados em publicações científicas, salvaguardando o anonimato e a confidencialidade.

A recolha de dados será feita através de entrevistas semi-estruturadas, envolvendo adolescentes grávidas e aquelas que já são mães, sendo duas do período laboral, duas do período pós laboral, duas que já abandonaram a escola, dois diretores de turma dos adolescentes mais novos, um diretor de turma dos adolescentes mais velhos, e o diretor da escola, para objetivar informações que se pretende obter.

ANEXO III: Guião de entrevista semi-estruturada para adolescentes grávidas e mães.

A) Identificação do entrevistado

Código _____

Idade _____

Ano de escolaridade _____

Reprovações (anos) _____

Escola _____

Local de residência _____

B) Experiência na gravidez: mudanças nas relações familiares e escolares

O que sentiste quando descobriste que estavas grávida?

Qual foi a reação do pai do bebé ao saber que estas grávida?

Após ter o conhecimento da gravidez, como ficou a vossa relação?

Atualmente vivem juntos? Que idade tem ele?

Como reagiram as pessoas mais próximas (os pais ou encarregados de educação, amigos, colegas e professores).

Que alterações a gravidez trouxe no seu quotidiano?

Qual foi o impacto na vida familiar e escolar?

Sendo uma adolescente grávida, como se sente na escola?

c) ***Projeto de vida***

A escola e os estudos são importantes para o seu futuro? Porquê?

Qual é a previsão do futuro que realmente acontecerá com maior probabilidade?

Tem um projeto de vida em comum com o pai do bebê? Pode explicar como pensa em fazer para realizá-lo?

Considera-se uma pessoa feliz? Porquê?

Muito obrigada pela sua colaboração!

ANEXO IV: *Guião de entrevista semi-estruturada á, diretores de turma e o diretor geral da escola.*

A) **Identificação**

Código _____

Idade _____

Disciplina que lecciona _____

Qualificação académica _____

Anos de serviço _____

Formação Contínua na área de Educação para Saúde _____

B) **Gravidez adolescente: mudança no processo docente educativo**

Qual o momento mais feliz que já viveu na escola no exercício da função como docente?

Explique o que realmente mudou no exercício da sua função como docente e qual foi o impacto de tal mudança na sua vida.

Qual o impacto causado quando se deparou com alunas adolescentes grávidas?

Como se procedeu com elas?

Que medidas toma a direção da escola quando surgem casos de gravidez?

Existe alguma disciplina de educação sexual no currículo? Qual?

Na tua opinião, a quem é imputada a responsabilidade da gravidez na adolescência?
Porquê?

Quais foram as mudanças de comportamento que constatou no percurso do ensino e aprendizagem das alunas grávidas?

Como tem sido os resultados das alunas grávidas?

Que estratégias deveriam utilizar para reduzir este fenómeno?

Quais são os conselhos que costuma a dar as alunas que vivenciam essa experiencia?

Como elas reagem?

c) *Futuro das adolescentes: possibilidades e realidades futuras*

Como imaginam as várias possibilidades de futuro para estas adolescentes na escola, na família e na vida profissional?

Entre essas possibilidades, qual seria a melhor para elas? Porquê?

Muito obrigada pela sua colaboração!

ANEXO V: Regulamento interno da Escola

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA  DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, CULTURA E COMUNICAÇÃO
ESCOLA SECUNDÁRIA JANUÁRIO JOSÉ DA COSTA

REGULAMENTO INTERNO DA ESCOLA

- ① Início e término das aulas:
 - a) Período da manhã das 7:00 as 12:05
 - b) Período da tarde das 12:30 as 17:35
 - 1.1. Cada aula tem a duração de 45m e com um intervalo de 5m.
 - 1.2. Após o terceiro tempo há um intervalo de 15m.
 - 1.3. Após o toque de entrada os alunos devem entrar para a sala e permanecerem assentados.
- ② O uso de uniforme é obrigatório.
 - a) Os alunos devem aparecer na escola devidamente uniformizados (uniforme por dentro) com: patentes, calça e camisa para os rapazes e saia e blusa para as raparigas, sem camisolas por de baixo de acordo com o modelo estipulado.
3. Os alunos devem primar pela limpeza e higiene da escola:
 - a) Na Sala de aulas, não podendo deitar os papéis no chão, por de baixo das carteiras, pintar as carteiras e deixar resíduos de frutos no chão.
 - b) Casas de banho.
 - c) Manter a higiene em todo o recinto escolar, contribuindo para boa imagem da escola.
- 4- Nenhum aluno deve passar pela entrada principal da escola ou da escada interna do edifício sem prévia autorização.
- 5- É interdita a passagem dos alunos no passeio externo ao lado da janela do gabinete do director.
- 6- Todos os alunos devem permanecer na sala durante o funcionamento das aulas.
- 7- É proibido a permanência dos alunos no corredor durante as aulas, mesmo na ausência dos professores.
- 8- Todos os alunos devem contribuir para a conservação da escola bem como dos materiais nela existentes nomeadamente carteiras, quadro, portas, janelas, lâmpadas, interruptores, torneiras, etc.
- 9- O respeito para com os membros da direcção, professores, serventes e colegas deve ser prestado tanto dentro como fora do recinto escolar.
- ⑩ É proibido qualquer forma de violência física ou verbal dentro do recinto escolar.
- ⑪ O número excessivo de faltas injustificadas implicará reprovação imediata do (a) aluno (a).
- 12- Nenhum aluno deve urinar ou defecar no corredor, na sala, varanda, e sujar a parede da escola.
- ⑬ É proibido a transferência de carteiras de uma sala à outra, bem como a passagem dos alunos pela janela.
- 14- Nenhum aluno deve passar do corredor que dá acesso a sala dos professores e direcção da escola sem prévia autorização.
- ⑮ O aluno que sem prévia autorização facilitar a entrada de pessoas estranhas ao recinto escolar será sancionado.



- m) Actualizar e aperfeiçoar os seus conhecimentos, capacidades e competências, numa perspectiva de desenvolvimento pessoal e profissional;
- n) Cooperar com os restantes intervenientes no processo educativo na detecção da existência de casos de crianças ou jovens com necessidades educativas especiais.

Deveres para com a escola e os outros docentes

- a) Constituem deveres específicos dos docentes para com a escola e outros docentes:
- b) Colaborar na organização da escola, cooperando com os órgãos de direcção executiva e as estruturas de gestão pedagógica e com o restante pessoal docente e não docente tendo em vista o seu bom funcionamento;
- c) Cumprir os regulamentos, desenvolver e executar os projectos educativos e planos de actividades e observar as orientações dos órgãos de direcção executiva e das estruturas de gestão pedagógica da escola;
- d) Co-responsabilizar-se pela preservação e uso adequado das instalações e equipamentos e propor medidas de melhoramento e remodelação;
- e) Promover o bom relacionamento e a cooperação entre todos os docentes, dando especial atenção aos que se encontram em início de carreira ou em formação ou que denotem dificuldades no seu exercício profissional;
- f) Partilhar com os outros docentes a informação, os recursos didácticos e os métodos pedagógicos, no sentido de difundir as boas práticas e de aconselhar aqueles que se encontrem em início de carreira ou em formação ou que denotem dificuldades no seu exercício profissional;
- g) Reflectir, nas várias estruturas pedagógicas, sobre o trabalho realizado individual e colectivamente, tendo em vista melhorar as práticas e contribuir para o sucesso educativo dos alunos;
- h) Cooperar com os outros docentes na avaliação do seu desempenho;
- i) Defender e promover o bem-estar de todos os docentes, protegendo-os de quaisquer situações de violência física ou psicológica, se necessário solicitando a intervenção de pessoas e entidades alheias à instituição escolar.

Deveres para com os alunos

Constituem deveres específicos dos docentes relativamente aos seus alunos:

- a) Respeitar a dignidade pessoal e as diferenças culturais dos alunos valorizando os diferentes saberes e culturas, prevenindo processos de exclusão e discriminação;
- b) Promover a formação e realização integral dos alunos, estimulando o desenvolvimento das suas capacidades, a sua autonomia e criatividade;
- c) Promover o desenvolvimento do rendimento escolar dos alunos e a qualidade das aprendizagens, de acordo com os respectivos programas curriculares e atendendo à diversidade dos seus conhecimentos e aptidões;
- d) Organizar e gerir o processo ensino-aprendizagem, adoptando estratégias de diferenciações pedagógicas susceptíveis de responder às necessidades individuais dos alunos;
- e) Assegurar o cumprimento integral das actividades lectivas correspondentes às exigências do currículo nacional, dos programas e das orientações programáticas ou curriculares em vigor;

- f) Adequar os instrumentos de avaliação às exigências do currículo nacional, dos programas e das orientações programáticas ou curriculares e adoptar critérios de rigor, isenção e objectividade na sua correcção e classificação;
- g) Manter a disciplina e exercer a autoridade pedagógica com rigor, equidade e isenção;
- h) Cooperar na promoção do bem-estar dos alunos, protegendo-os de situações de violência física ou psicológica, se necessário solicitando a intervenção de pessoas e entidades alheias à instituição escolar;
- i) Colaborar na prevenção e detecção de situações de risco social, se necessário participando-as às entidades competentes;
- j) Respeitar a natureza confidencial da informação relativa aos alunos e respectivas famílias.

Deveres para com os pais e encarregados de educação

Constituem deveres específicos dos docentes para com os pais e encarregados de educação dos alunos:

- a) Respeitar a autoridade legal dos pais ou encarregados de educação e estabelecer com eles uma relação de diálogo e cooperação, no quadro da partilha da responsabilidade pela educação e formação integral dos alunos;
- b) Promover a participação activa dos pais ou encarregados de educação na educação escolar dos alunos, no sentido de garantir a sua efectiva colaboração no processo de aprendizagem;
- c) Incentivar a participação dos pais ou encarregados de educação na actividade da escola, no sentido de criar condições para a integração bem-sucedida de todos os alunos;
- d) Facultar regularmente aos pais ou encarregados de educação a informação sobre o desenvolvimento das aprendizagens e o percurso escolar dos filhos, bem como sobre quaisquer outros elementos relevantes para a sua educação;
- e) Participar na promoção de acções específicas de formação ou informação para os pais ou encarregados de educação que fomentem o seu envolvimento na escola com vista à prestação de um apoio adequado aos alunos.

Dever dos pais e encarregados de educação

- a) Conhecer o regulamento interno da escola;
- b) Informar-se da situação escolar do seu educando;
- c) Encontrar-se com o director da turma sempre que possível.
- d) Assinar os testes;
- e) Reparar os danos causados pelos seus educandos no prazo de três dias;
- f) Não agredir fisicamente ou moralmente os funcionários da escola;
- g) Respeitar todo o pessoal docente e não docente da escola e estabelecer com eles uma relação de diálogo e cooperação pela educação e formação integral do seu educando;

ANEXO VI: Entrevista com as adolescentes

Guião de entrevista semi-estruturada para adolescentes grávidas e mães.

A) Identificação do entrevistado

- Código A.6.1
- Idade 17
- Ano de escolaridade 9.º
- Reprovações (anos) 1
- Escola Básica de Bom-Bom
- Local de residência Balha

B) Experiencia na gravidez: mudanças nas relações familiares e escolares

- O que sentiste quando descobriste que estavas grávida?
Quando descobri fiquei muito triste.
- Qual foi a reacção do pai do bebé ao saber que estas grávida?
O pai do bebé disse que não era gravidez dele.
- Após ter o conhecimento da gravidez, como ficou a vossa relação?
Ficou um pouco confuso, ele não queria assumir a gravidez no princípio.
- Actualmente vivem juntos? Que idade tem ele?
Sim vivem juntos na casa da mãe dele, e ele tem 20 anos.
- Como reagiram as pessoas mais próximas (os pais ou encarregados de educação, amigos, colegas e professores).
Reagem mal, porque eu estou a estudar e não gostam da notícia.

- Que alterações a gravidez trouxe no seu quotidiano?

Reave sempre causada, com sono
nao podis mais jogar a bola que tanto

- Qual foi o impacto na vida familiar e escolar? gosto.

Por pessimo

- Sendo uma adolescente grávida, como se sente na escola?

sentiu muito vergonha.

C) Projecto de vida

- A escola e os estudos são importantes para o seu futuro? Porquê?

Sim, porque com um diploma
ferei em emprego

- Qual é a previsão do futuro que realmente acontecerá com maior probabilidade?

Eu ter um emprego e seguir
a minha vida.

- Tem um projecto de vida em comum com o pai do bebé? Pode explicar como pensa em fazer para realizá-lo?

Pretendo estudar e ele também, para
constantemente junto a nossa família.

- Considera-se uma pessoa feliz? Porquê?

Não, porque não tenho autonomia e
dependo tudo dos pais dela e meus também.

Guião de entrevista semi-estruturada para adolescentes grávidas e mães.

A) Identificação do entrevistado

- Código A.G.1
- Idade 15
- Ano de escolaridade 9º ano (Pos laboral)
- Reprovações (anos) 2
- Escola Bombom
- Local de residência Bombom

B) Experiencia na gravidez: mudanças nas relações familiares e escolares

- O que sentiste quando descobriste que estavas grávida?
R: tive enjoos, dores de barriga.
- Qual foi a reacção do pai do bebé ao saber que estas grávida?
R: Duve conflitos.
- Após ter o conhecimento da gravidez, como ficou a vossa relação?
R: Normal
- Actualmente vivem juntos? Que idade tem ele?
R: Não, 30 anos
- Como reagiram as pessoas mais próximas (os pais ou encarregados de educação, amigos, colegas e professores).
R: Me denom forças até ao parto

- Que alterações a gravidez trouxe no seu quotidiano?

R: Limitou certos coisas.

- Qual foi o impacto na vida familiar e escolar?

R: Alguns convalescenças.

- Sendo uma adolescente grávida, como se sente na escola?

R: Envergonhada

C) Projecto de vida

- A escola e os estudos são importantes para o seu futuro? Porquê?

Sim, Porque com os conhecimentos que eu adquirir e
ficar mais fácil conseguir um emprego.*

- Qual é a previsão do futuro que realmente acontecerá com maior probabilidade?

R: Continuar os estudos de forma ter uma
vida condigna.

- Tem um projecto de vida em comum com o pai do bebé? Pode explicar como pensa em fazer para realizá-lo?

R: Nenhum. Mas na minha carreira quero
ser Enfermeira.

- Considera-se uma pessoa feliz? Porquê?

Sim. Porque tenho apoio dos meus familiares

Guião de entrevista semi-estruturada para adolescentes grávidas e mães.

A) Identificação do entrevistado

- Código A.6.2
- Idade 15
- Ano de escolaridade 8º
- Reprovações (anos) 2
- Escola Escola Básica de São Lourenço
- Local de residência São Manuel

B) Experiência na gravidez: mudanças nas relações familiares e escolares

- O que sentiste quando descobriste que estavas grávida?
Muito medo.
- Qual foi a reacção do pai do bebé ao saber que estas grávida?
Foi bom, e deu-me muito apoio.
- Após ter o conhecimento da gravidez, como ficou a vossa relação?
Ele ~~me~~ apoiou-me muito mesmo.
- Actualmente vivem juntos? Que idade tem ele?
Sim. Ele tem 19 anos.
- Como reagiram as pessoas mais próximas (os pais ou encarregados de educação, amigos, colegas e professores).
Muita crítica por parte deles, principalmente dos meus pais.

- Que alterações a gravidez trouxe no seu quotidiano?

Anteriormente eu dependia dos meus pais e agora só eu respondo.

- Qual foi o impacto na vida familiar e escolar?

Mas muito bom, pois, tive que repetir a 7ª classe, por duas vezes.

- Sendo uma adolescente grávida, como se sente na escola?

Solta, graças a Jesus está tudo bem.

C) Projecto de vida

- A escola e os estudos são importantes para o seu futuro? Porquê?

Sim, por que poderei ter a minha autonomia financeira, e não dependo de ninguém.

- Qual é a previsão do futuro que realmente acontecerá com maior probabilidade?

De continuar os meus estudos com zelo, e me formar.

- Tem um projecto de vida em comum com o pai do bebé? Pode explicar como pensa em fazer para realizá-lo?

Não.

- Considera-se uma pessoa feliz? Porquê?

Sim, porque o meu filho é a melhor coisa que vai acontecer.

Guião de entrevista semi-estruturada para adolescentes grávidas e mães.

A) Identificação do entrevistado

- Código A.G.1
- Idade 16
- Ano de escolaridade 9^a
- Reprovações (anos) 2
- Escola Escola Básica de Boim-Boim
- Local de residência S. Mamede

B) Experiencia na gravidez: mudanças nas relações familiares e escolares

- O que sentiste quando descobriste que estavas grávida?
Fiquei com medo e ao mesmo tempo feliz.
- Qual foi a reacção do pai do bebé ao saber que estas grávida?
Foi pessimo.
- Após ter o conhecimento da gravidez, como ficou a vossa relação?
Ele me abandonou porque fiquei grávida.
- Actualmente vivem juntos? Que idade tem ele?
Não, ele tem 34 anos
- Como reagiram as pessoas mais próximas (os pais ou encarregados de educação, amigos, colegas e professores).
Na escola uns fofocavam, falavam mal de mim, mas os meus pais me apoiaram em tudo, inclusive em continuar a estudar os professores também

- Que alterações a gravidez trouxe no seu quotidiano?

Bem não trouxe muitas alterações porque a minha mãe é quem cuida do meu filho.

- Qual foi o impacto na vida familiar e escolar?

Na escola tive algumas dificuldades em termos de tempo para estudar e dormir.

- Sendo uma adolescente grávida, como se sente na escola?

No princípio sentia vergonha, mas com tempo fiquei normal, bem.

C) Projecto de vida

- A escola e os estudos são importantes para o seu futuro? Porquê?

* Sim muito, porque o estudo é que vai me ajudar a ter um bom emprego.

- Qual é a previsão do futuro que realmente acontecerá com maior probabilidade?

Terei ser enfermeira e aconselhar muito adolecente a não engravidar cedo.

- Tem um projecto de vida em comum com o pai do bebé? Pode explicar como pensa em fazer para realizá-lo?

Não, porque ele me abandonou.

- Considera-se uma pessoa feliz? Porquê?

Sim, porque mesmo depois de engravidar os meus pais me apoiaram e sei que devo estudar para ser mulher digna, com uma formação.

Guião de entrevista semi-estruturada para adolescentes grávidas e mães.

A) Identificação do entrevistado

- Código A.G.2
- Idade 16
- Ano de escolaridade 9º
- Reprovações (anos) 2º
- Escola Básica de Bombom
- Local de residência Almerim.

B) Experiencia na gravidez: mudanças nas relações familiares e escolares

- O que sentiste quando descobriste que estavas grávida?
Senti enjoou, vomito, tonturas
- Qual foi a reacção do pai do bebé ao saber que estas grávida?
O pai do bebé reagiu muito bem.
- Após ter o conhecimento da gravidez, como ficou a vossa relação?
A nossa relação melhorou porque era o seu primeiro filho.
- Actualmente vivem juntos? Que idade tem ele?
Sim, actualmente vivemos juntos e ele tem 25 anos de idade.
- Como reagiram as pessoas mais próximas (os pais ou encarregados de educação, amigos, colegas e professores).
As pessoas mais próximas no principio ficaram um pouco apreensivo.

- Que alterações a gravidez trouxe no seu quotidiano?

no meu quotidiano tive que desistir das aulas.

- Qual foi o impacto na vida familiar e escolar?

na minha vida familiar tive que mudar alguns hábitos.

- Sendo uma adolescente grávida, como se sente na escola?

já não frequento as aulas.

C) Projecto de vida

- A escola e os estudos são importantes para o seu futuro? Porquê?

sim, porque no futuro pretendo ser uma mulher com uma formação. *

- Qual é a previsão do futuro que realmente acontecerá com maior probabilidade?

no futuro pretendo reformar meus estudos de forma melhorar a minha vida.

- Tem um projecto de vida em comum com o pai do bebé? Pode explicar como pensa em fazer para realizá-lo?

sim, pretendemos construir uma casa para dar uma melhor condição de vida ao bebé.

- Considera-se uma pessoa feliz? Porquê?

sim, porque apesar da gravidez não parei de sonhar com uma vida melhor.

Guião de entrevista semi-estruturada para adolescentes grávidas e mães.

A) Identificação do entrevistado

- Código A.G.17.2
- Idade 17
- Ano de escolaridade 9^a
- Reprovações (anos) 2
- Escola Escola Secundária J. J. B. Bom Bom
- Local de residência Iôô - Xango

B) Experiência na gravidez: mudanças nas relações familiares e escolares

- O que sentiste quando descobriste que estavas grávida?
desespero, porque sabia que a minha vida ia mudar
- Qual foi a reacção do pai do bebé ao saber que estas grávida?
felicidade
- Após ter o conhecimento da gravidez, como ficou a vossa relação?
melhorou consideravelmente
- Actualmente vivem juntos? Que idade tem ele?
ele faleceu onze meses depois da bebé nascer
- Como reagiram as pessoas mais próximas (os pais ou encarregados de educação amigos, colegas e professores).
reveltados porque ainda não tinha terminado os estudos

- Que alterações a gravidez trouxe no seu quotidiano?

tiVe limitações em continuar a fazer algumas atividades porque foi um gravidez de risco.

- Qual foi o impacto na vida familiar e escolar?

Familiar, os meus pais deixaram de falar comigo e tive que desistir dos estudos

- Sendo uma adolescente grávida, como se sente na escola?

abandonei a escola porque me sentia embaraçada.

C) Projecto de vida

- A escola e os estudos são importantes para o seu futuro? Porquê?

Sim. porque dando continuidade aos estudos poderei ter um futuro melhor

- Qual é a previsão do futuro que realmente acontecerá com maior probabilidade? *

Ter uma família.

- Tem um projecto de vida em comum com o pai do bebé? Pode explicar como pensa em fazer para realizá-lo?

Não. porque ele já faleceu. So tenho projecto para mim e minha filha

- Considera-se uma pessoa feliz? Porquê?

Não, porque hoje sou mãe solteira sem estudo e dependente de ajuda para alimentar a minha filha e a mim.

ANEXO VII: Entrevista com os Professores

Guião de entrevista semi-estruturada á docentes, directores de turma e o director geral da escola.

A) Identificação

- Código D.T.V2
- Idade 15
- Disciplina que lecciona Língua Portuguesa
- Qualificação académica _____
- Anos de serviço 9
- Formação Contínua na área de Educação para Saúde _____

B) Gravidez adolescente: mudança no processo docente educativo

- Qual o momento mais feliz que já viveu na escola no exercício da função como docente?
Quando recebi uma carta de agradecimento por escrito elogiando o meu trabalho.
- Explique o que realmente mudou no exercício da sua função como docente e qual foi o impacto de tal mudança na sua vida.
A forma de relacionar com os alunos
- Qual o impacto causado quando se deparou com alunas adolescentes grávidas?
Simplesmente decepcionado
- Como se procedeu com elas?

Dando conselho e fontes de informação
vida.

- Que medidas toma a direcção da escola quando surgem casos de gravidez?

Notificamos para continuar o seu estudo
transferindo-as para curso nocturno.

- Existe alguma disciplina de educação sexual no currículo? Qual?

Não

- Na tua opinião, a quem é imputada a responsabilidade da gravidez na adolescência? Porquê?

Os pais, isto porque muitos não escondem
os comportamentos com adolescentes em casa

- Quais foram as mudanças de comportamento que constatou no percurso do ensino e aprendizagem das alunas grávidas?

Fraca capacidade de aprendizagem.

- Como tem sido os resultados das alunas grávidas?

Razoável

- Que estratégias deveriam utilizar para reduzir este fenómeno?

Mais sensibilização do envolvimento
dos pais na educação sexual dos filhos

- Quais são os conselhos que costuma a dar as alunas que vivenciam essa experiência?

Que uma gravidez na adolescência pode
mudar por completo os seus planos

- Como elas reagem?

Interessadas no assunto.

C) Futuro das adolescentes: possibilidades e realidades futuras

- Como imaginam as várias possibilidades de futuro para estas adolescentes na escola, na família e na vida profissional?

Depende muito do apoio familiar que tiverem

- Entre essas possibilidades, qual seria a melhor para elas? Porquê?

Uma família coesa, porque só assim podemos inovar este setor.

Guião de entrevista semi-estruturada á docentes, directores de turma e o director geral da escola.

A) Identificação

- Código D.T. 11
- Idade 36
- Disciplina que lecciona Língua Portuguesa
- Qualificação académica _____
- Anos de serviço 11
- Formação Contínua na área de Educação para Saúde Também

B) Gravidez adolescente: mudança no processo docente educativo

- Qual o momento mais feliz que já viveu na escola no exercício da função como docente?

Uma carta de agradecimento entregue por uma aluna no término do ano lectivo

- Explique o que realmente mudou no exercício da sua função como docente e qual foi o impacto de tal mudança na sua vida.

A forma de relacionar com os alunos

- Qual o impacto causado quando se deparou com alunas adolescentes grávidas?

Simplesmente decepcionado

- Como se procedeu com elas?

Apoio Moral

- Que medidas toma a direcção da escola quando surgem casos de gravidez?

O adolescente é convidado a abandonar o sistema no período da manhã - são transferidos automaticamente para cursos nocturnos.

- Existe alguma disciplina de educação sexual no currículo? Qual?

Sim, Educação para saúde.

- Na tua opinião, a quem é imputada a responsabilidade da gravidez na adolescência? Porquê?

Família, porque nem sempre chega a transmitir os verdadeiros valores aos filhos.

- Quais foram as mudanças de comportamento que constatou no percurso do ensino e aprendizagem das alunas grávidas?

Estão fora do sistema.

- Como tem sido os resultados das alunas grávidas?

Muito baixa.

- Que estratégias deveriam utilizar para reduzir este fenómeno?

Maior envolvimento dos pais na educação sexual dos filhos.

- Quais são os conselhos que costuma a dar as alunas que vivenciam essa experiência?

Que uma gravidez na adolescência pode mudar por completo o seu futuro.

- Como elas reagem?

Interessadas no assunto.

C) Futuro das adolescentes: possibilidades e realidades futuras

- Como imaginam as várias possibilidades de futuro para estas adolescentes na escola, na família e na vida profissional?

Depende muito do apoio familiar que tiverem

- Entre essas possibilidades, qual seria a melhor para elas? Porquê?

Uma família coesa, porque só assim podemos tratar esse mal

Guião de entrevista semi-estruturada á docentes, directores de turma e o director geral da escola.

A) Identificação

- Código D.T.VA
- Idade 40
- Disciplina que lecciona Historia
- Qualificação académica Licenciatura
- Anos de serviço 18
- Formação Contínua na área de Educação para Saúde Sim

B) Gravidez adolescente: mudança no processo docente educativo

- Qual o momento mais feliz que já viveu na escola no exercício da função como docente?

No final do ano lectivo quando me deu 85% dos meus alunos aprovados

- Explique o que realmente mudou no exercício da sua função como docente e qual foi o impacto de tal mudança na sua vida.

Saber que os alunos gostariam de contar-me comigo no ano lectivo seguinte

- Qual o impacto causado quando se deparou com alunas adolescentes grávidas?

Fiquei completamente consternado pois é muito triste essa situação

- Como se procedeu com elas?

Deixei alguns conselhos para a vida futura da mesma e procurei os seus pais.

- Que medidas toma a direcção da escola quando surgem casos de gravidez?

Quase nada se faz pois não há nada de concreto de sensibilização são transpensas para o curso nocturno.

- Existe alguma disciplina de educação sexual no currículo? Qual?

Não

- Na tua opinião, a quem é imputada a responsabilidade da gravidez na adolescência? Porquê?

Governo. Porque não há medidas correctivas para o efeito.

- Quais foram as mudanças de comportamento que constatou no percurso do ensino e aprendizagem das alunas grávidas?

Refusou em massa.

- Como tem sido os resultados das alunas grávidas?

Negativo

- Que estratégias deveriam utilizar para reduzir este fenómeno?

Excluí-las de modo a parir de licas à outras.

- Quais são os conselhos que costuma a dar as alunas que vivenciam essa experiência?

Que enquanto grávida em adolescentes deve evitar a par reincidente.

- Como elas reagem?

Como quem tivesse acatado os conselhos.

C) Futuro das adolescentes: possibilidades e realidades futuras

➤ Como imaginam as várias possibilidades de futuro para estas adolescentes na escola, na família e na vida profissional?

Comprometedor de uma forma geral
pois dificilmente se encontra uma saída

Pausível

➤ Entre essas possibilidades, qual seria a melhor para elas? Porquê?

Formação profissional da área em
que os mesmos têm acesso

Guião de entrevista semi-estruturada á docentes, directores de turma e o director geral da escola.

A) Identificação

- Código DIR. G
- Idade 32
- Disciplina que lecciona Português
- Qualificação académica Mestrado
- Anos de serviço 10
- Formação Contínua na área de Educação para Saúde _____

B) Gravidez adolescente: mudança no processo docente educativo

- Qual o momento mais feliz que já viveu na escola no exercício da função como docente?
Foi quando me tornei inquerito, fui considerado o melhor professor de português.
- Explique o que realmente mudou no exercício da sua função como docente e qual foi o impacto de tal mudança na sua vida.
A melhoria na minha forma de leccionar. os meus alunos passaram a ter melhores resultados
- Qual o impacto causado quando se deparou com alunas adolescentes grávidas?
Fiquei triste e ao mesmo tempo com muita pena delas.
- Como se procedeu com elas?
Dei muito força e coragem para enfrentarem essa mávia etapa das suas vidas.

- Como imaginam as várias possibilidades de futuro para estas adolescentes na escola, na família e na vida profissional?

sem grandes expectativas, dependendo muito do apoio familiar que tiverem. Que mãe se se liam também papel de mãe.

- Entre essas possibilidades, qual seria a melhor para elas? Porquê?

que apostem na farmácia.
